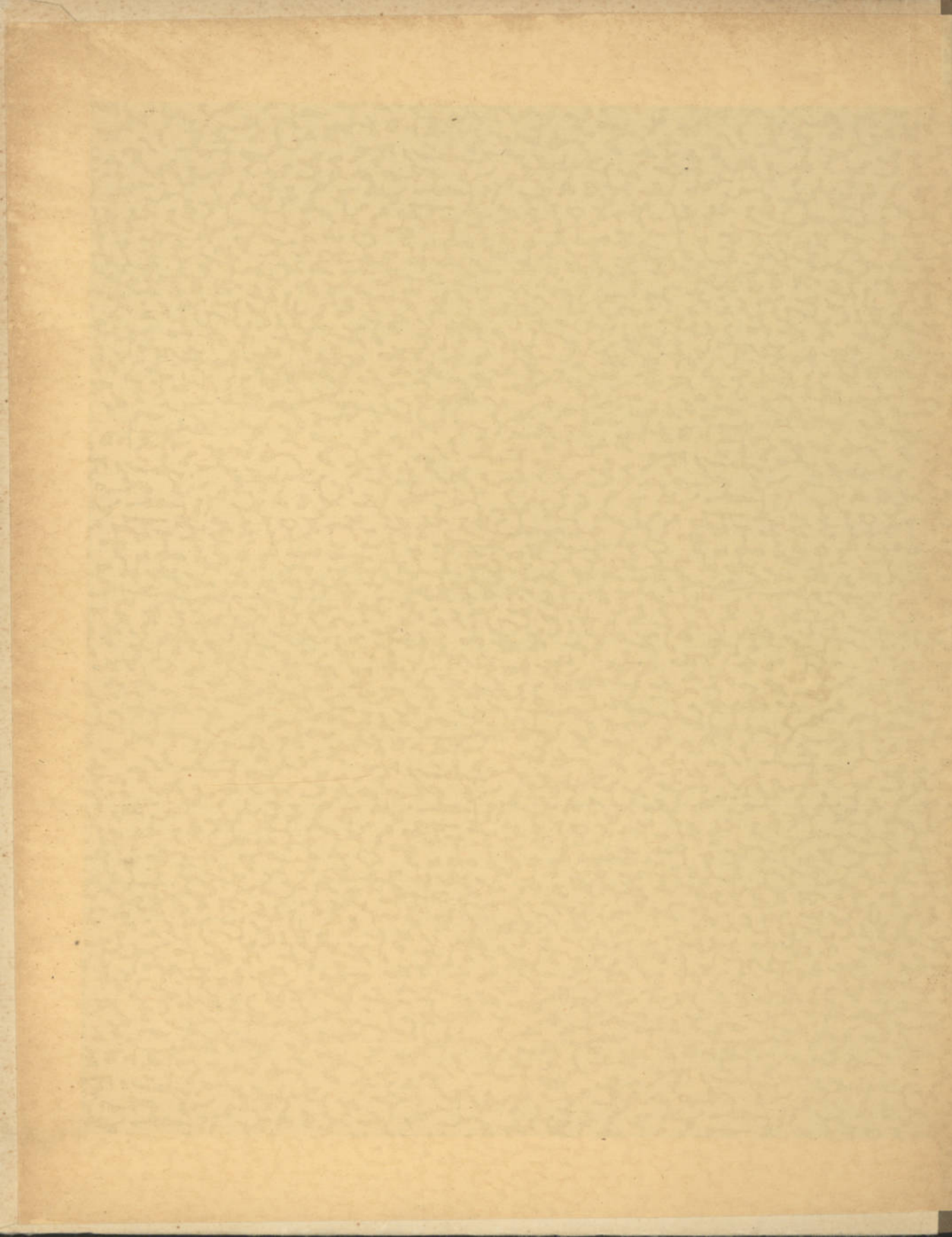


ÚLTIMAS HISTÓRIAS MARAVILHOSAS

DA
TRADIÇÃO
POPULAR
PORTUGUESA

POR
D. ANA DE CASTRO
OSÓRIO





ÚLTIMAS HISTÓRIAS
MARAVILHOSAS
DA
TRADIÇÃO POPULAR PORTUGUESA

DESENHOS DE
ALVARO DUARTE DE ALMEIDA

Fez-se esta 1.^a Edição de Últimas Histórias
Maravilhosas da Tradição Popular Portuguesa,
por intervenção do Serviço de Escolha de Livros
para as Bibliotecas das Escolas Primárias.

Ultimas Histórias Maravilhosas

da

Tradição Popular Portuguesa

RECOLHIDAS E CONTADAS POR
ANA DE CASTRO OSÓRIO



SOCIEDADE DE EXPANSÃO CULTURAL, LDA.

TRAVESSA DO SEQUEIRO, 4, 1.º, D. • LISBOA

P.
2827

B. N. L.
DEPOSITO LEGAL
245404 *15.11160

Completa-se com este livro, de pequeno volume, relativamente aos dois outros anteriormente publicados, mas igualmente grande em significado e beleza, a edição definitiva das «Histórias Maravilhosas da Tradição Popular Portuguesa», recolhidas e contadas por D. Ana de Castro Osório.

O original desta vasta obra, única, porventura, em todas as Literaturas, já pelas excepcionais condições da sua perfeita realização por uma grande Escritora, já pela riqueza das fontes da nossa cultura tradicional popular, foi, como escrevemos no limiar do primeiro volume, revisto e aperfeiçoado, para edição definitiva e completa, pela muito ilustre Senhora que tão grande parte do seu trabalho literário lhe dedicou.

As sete Histórias agora publicadas eram as derradeiras desse original, e separava-as de todas as outras uma indicação que é precisamente o título que para este Livro foi adoptado: «Últimas Histórias Maravilhosas da Tradição Popular Portuguesa».

Últimas, porquê?

Últimas, não só por completarem o conjunto das Setenta e Sete Histórias Maravilhosas que constituem este monumento da Literatura Portuguesa e da nossa tradição popular, mas também

por serem as mais tardiamente recolhidas nesta fonte inexgotável, e da própria narração oral da gente do povo.

É curioso notar que, apenas com a excepção, e de modo algum absoluta, da primeira História, «A Princesa Cobra», todas as outras revelam também uma elaboração popular mais recente do que a da grande maioria das anteriores.

São Histórias nascidas na Idade Média Portuguesa, quer a de «A Filha do Lavrador», cujo tema principal pode aproximar-se de uma Saga Escandinava, quer a da infância de «Rol-dão», o herói das mais belas Gestas Medievais.

São Histórias de profundo sentimento religioso cristão da Idade Média extremo ocidental, a «História da Velhinha e do Menino Bem Criado» e a História de «O Manuel Tolo», a qual, na perfeita realização literária com que D. Ana de Castro Osório a recriou, constitui, sem dúvida, uma das lendas cristãs mais puras e belas da nossa Literatura.

Bastaria esta pequena obra-prima de «O Manuel Tolo», herói cristão da simplicidade mais santa, para justificar a imediata publicação destas «Últimas Histórias Maravilhosas».

Também entre elas se encontram Histórias que só nos séculos do Renascimento foram adoptadas e reelaboradas pela cultura popular portuguesa, e que tem a mesma inicial origem, literária, de outras já recolhidas nos volumes anteriores.

Aos estudiosos da nossa cultura popular convirá fazer a aproximação entre as que se publicam agora, ou sejam, as Histórias de «O Casamento e a Mortalha no Céu se talha» e a de «A Menina que foi Juiz do seu Noivo», e as outras da mesma origem e semelhante elaboração popular, simplificadora e, deve acrescentar-se, engrandecedora.

São, estas, as Histórias intituladas «A Mão de Finado», «O Juramento», «A Princesa Carvoeiro» e, em especial, a «História do Armador».

Não se destina, porém, esta edição, principalmente a esses estudiosos, muito embora a publicação dos volumes anteriores tenha entusiasmado um tão lúcido e sábio Folclorista e Etnólogo como é, para glória da Cultura Luso-Brasileira, o Dr. Luís da Câmara Cascudo, cientista que não deixou estiolar a alma e talento de genuíno Poeta.

Destina-se principalmente à leitura da gente nova (a quem verdadeiramente apaixonou) e de todo o povo de Portugal e do Brasil.

Foi nossa intenção publicarmos desde logo toda a obra cujo original nos foi honrosamente confiado pelos filhos da ilustre Senhora, e também Escritores, João de Castro Osório e José Osório de Oliveira.

Na prevista divisão, em dois volumes, sucedeu, porém, que se alargou demasiadamente o segundo. E assim, para as sete Histórias restantes, que são publicadas agora, se resolveu aceitar, como título geral, a já referida indicação, dada por sua Autora, de «Últimas Histórias Maravilhosas».

Se as condições do mercado português e brasileiro de Livros desta magnitude, vierem a permiti-lo, reuniremos, numa segunda edição, em três volumes, todas as «Histórias Maravilhosas da Tradição Popular Portuguesa recolhidas e contadas por Ana de Castro Osório».

E muito desejamos também poder acrescentar-lhe a publicação dos «Contos, Fábulas e Facécias da Tradição Popular

Portuguesa», cujo original também foi deixado, com revisão e aperfeiçoamento definitivos, por D. Ana de Castro Osório.

Julgamos, porém, que não devem estas Histórias Maravilhosas aguardar a desejável e planeada, mas não garantida, segunda edição das primeiras, e que é nosso dever, para com a Literatura Portuguesa, e a memória da ilustre Escritora que tanto a honrou, e a confiança de seus filhos, e dessa memória zeladores carinhosos, fazermos desde já a publicação destas «Últimas Histórias Maravilhosas», ainda que podendo isto representar um maior encargo para os editores.

Compensar-nos-á, neste caso, a satisfação de um dever cumprido. Mas estamos certos de que também agora o público as acolherá com o entusiasmo com que foram recebidos os dois volumes anteriormente publicados, e já neste momento completamente esgotados.

SOCIEDADE DE EXPANSÃO CULTURAL

A PRINCESA COBRA



Era uma vez um Rei, senhor dum grande Reino, que vivia muito triste desde que morrera a Rainha, de quem era muito amigo.

Tinha uma única filha, linda como os amores, que mandara criar e educar com todo o cuidado, podendo dizer-se que era a Princesa mais bonita e mais ilustrada do seu tempo.

Não obstante viver no seu grande palácio, cheio de riquezas, e rodeado por todos os bens que a fortuna traz, o Rei não sentia alegria nenhuma na vida desde que morrera a Rainha, que muito amara, e só tinha alguma consolação quando via junto de si a Princesa, sua filha, porque era boa e linda como sua mãe.

Ora um dia em que a menina andava a brincar com as suas aias e pagens, no jardim do palácio, viu uma pobre velhinha parada à porta e foi-lhe perguntar se desejava alguma coisa.

A velha recebeu a esmola, que a princesinha lhe deu, e disse com muita tristeza:

— Mal empregada!... Tão linda, tão boa... E que sina tão triste!

D. ANA DE CASTRO OSÓRIO

Mal isto ouviu já a Princesa não descansou sem que a pobre lhe dissesse qual era a sua triste sina.

— Oh, é das piores que possa haver no mundo! E para a vencer é preciso que haja alguém que a ajude, pois sòzinha nada poderá fazer.

— Pois diga-me o que é, que eu terei bastante coragem para lutar contra o mal.

— Minha boa menina, a sua sorte é muito má, mas tenho esperança que a há-de vencer. Está escrito que no dia do seu casamento se há-de tornar em cobra e assim ficará encantada durante sete dias. No fim deles, se houver quem a oiça voltar e lhe tenha guardado o seu lugar, sem se ter esquecido do que lhe deve e sem ter medo, a Princesa será finalmente feliz e para sempre livre do fado mau que uma inimiga da sua família lhe lançou ao nascer. Se não houver quem a ajude, ficará para sempre encantada e feita cobra.

A menina ficou muito triste, mas, aconselhada pela boa velha, começou a procurar a pessoa amiga que fosse capaz de se lembrar do que lhe devia no momento em que mais precisasse dela.

Por mais que pensasse em todas as pessoas que a rodeavam, em nenhuma depositava confiança, porque não via sinceridade nem desinteresse em volta de si.

Quando o pai lhe dizia que era necessário pensar em casar, porque não queria morrer sem a deixar no trono, ao lado dum marido que fosse um bom Rei para o seu povo, ficava mais triste do que a morte, e dizia sempre que era ainda muito cedo para saber escolher o noivo entre os pretendentes que vinham à sua Corte.

A PRINCESA COBRA

Ora defronte do palácio vivia uma pobre família que a Princesa costumava socorrer, porque eram muito necessitados. O pai, embora fosse alfaiate, não ganhava bastante para o sustento da mulher e das suas três filhas, porque era fraco e doente.

A Princesa, que andava à procura duma pessoa em quem pudesse confiar nas horas de desgraça, lembrou-se das filhas do alfaiate e mandou perguntar à mais velha se queria ir viver para o palácio e ser sua companheira.

A rapariga ficou contentíssima com a ideia. Pensando logo nos vestidos ricos que lhe dariam, nos manjares que comeria e nas festas a que poderia assistir, respondeu com a melhor vontade, aceitando a oferta.

A Princesa mandou-a buscar e escondeu-a num quarto próximo do seu, com ordem para ninguém a ver, senão a criada que lhe levasse a comida.

Ao almoço mandou-a servir, numa rica bandeja de prata, mas só um copo de água e metade duma avelã.

A rapariga não ficou muito satisfeita, mas não disse nada.

Ao jantar levaram-lhe uma avelã e um copo de água.

À ceia, outra metade duma avelã e outro copo de água.

Na manhã seguinte a Princesa mandou-a chamar ao seu quarto e perguntou-lhe se estava contente.

Sem se lembrar do bem que a Princesa costumava fazer à sua família, a rapariga respondeu logo:

— Eu não, Senhora! Para passar fome, quero antes estar em casa de meu pai, onde ao menos tenho a minha liberdade.

A Princesa ficou muito triste e mandou-a embora.

Continuou a socorrer a família do alfaiate como se nada

D. ANA DE CASTRO OSÓRIO

se tivesse passado, e um dia mandou convidar a segunda filha dele para ir para o palácio fazer-lhe companhia.

A segunda rapariga encheu-se de alegria e de orgulho perante o oferecimento, e, pensando, como a irmã, nas festas e nos benefícios que teria, junto da Princesa, decidiu-se logo.

Da mesma maneira a levaram para um quarto fechado, e à hora do almoço veio a criada com meia avelã e um copo de água.

Ao jantar uma avelã e outro copo de água, e à ceia meia avelã e um copo de água.

Na manhã seguinte a Princesa mandou-a buscar e perguntou-lhe se estava contente.

— Não estou não, minha Senhora. Não vim para o palácio para estar fechada como criminosa e passar fome. Para isso deixava-me estar em minha casa.

A Princesa muito triste, mandou-a embora.

Passados dias mandou chamar a terceira filha do alfaiate.

As irmãs disseram-lhe que não fosse, pois, em vez de festas e bailes, só lhe davam um quarto onde ficaria presa, sem ver ninguém, e passaria mais fome do que na sua casa. Que tirasse da cabeça a ideia de ir para junto da Princesa, que só lhes queria fazer mal.

A rapariga, apesar do que as irmãs lhe diziam, lembrando-se do bem que a Princesa sempre tinha feito à sua família, resolveu aceitar o convite.

A Princesa ficou muito satisfeita quando a viu, porque demais a mais era muito bonita e parecia-se com ela.

Mandou-a fechar num quarto, como fizera às outras, e da mesma forma lhe servirem ao almoço metade de uma avelã e



A PRINCESA COBRA

um copo de água, ao jantar uma avelã e um copo de água e à ceia meia avelã e um copo de água.

Na manhã seguinte chamou-a e perguntou-lhe se estava contente e queria ficar na sua companhia. Ela disse que sim, pois nunca se esquecia dos favores que todos os seus lhe deviam.

A Princesa, muito alegre, imediatamente a colocou junto de si, apresentando-a como sua companheira.

Daí por diante viveram como duas irmãs, andando sempre de igual e sendo tão parecidas que mal se podiam diferenciar.

As outras filhas do alfaiate, quando souberam do bem que a irmã gozava, encheram-se de inveja, sem se lembrarem que a falta de paciência, um só dia, é que as tinha privado, para sempre, daquela felicidade.

O Rei, vendo passar o tempo sem que a filha se decidisse a aceitar os noivos que lhe apresentava, andava muito triste, não havendo dia em que não pedisse à filha que lhe fizesse a vontade.

Até que chegou à Corte um Príncipe que era a flor da cavalaria, tão bom e formoso que a Princesa não lhe pôde negar a mão de esposa, pois além de tudo era senhor dum grande Reino que se queria unir ao dela, ficando assim o mais poderoso Estado do Mundo.

Resolvido o casamento, a Princesa, cheia de desespero, contou à sua fiel companheira a triste sina que tinha e tudo quanto lhe dissera a velha.

Choraram as duas, abraçadas como irmãs, e tudo combinaram conforme era necessário para vencer a má sina da Princesa, que tinha de cumprir o seu triste fado durante sete dias, ou para sempre.

D. ANA DE CASTRO OSÓRIO

O Rei tudo achava pouco para o enxoval da Princesa e, assim, foi ele o mais belo e rico que até ali se tinha feito para uma noiva. Em grande segredo mandou a Princesa fazer um vestido de casamento igual ao que lhe era destinado para ir à Igreja e deu-o à sua companheira e amiga, sem que ninguém o soubesse.

Fizeram-se festas sobre festas, houve regozijo geral em todo o Reino, e no dia em que o senhor Bispo, paramentado com as mais ricas vestes, devia lançar a bênção aos noivos, na grande Catedral cheia de luzes e de flores, a amiga, vestida com o fato igual ao da noiva, foi esconder-se atrás do altar-mór.

Mal o casamento se realizou, ouviu-se um grande barulho, e a Princesa, caída por terra, transformou-se logo numa serpente horrorosa, que aos silvos atravessou a Igreja e saiu pela porta, seguida por todo o povo, amotinado, que a queria matar. Ao mesmo tempo a amiga saiu de trás do altar, pondo-se ao lado do Príncipe, e ninguém deu pela troca, no meio da medonha confusão. A cobra desapareceu e o casamento terminou, seguindo as festas como se nada se tivesse passado.

Quando os noivos ficaram sós, a menina disse:

— Meu Príncipe, tenho que lhe confiar um grande segredo que só nesta hora poderá saber. Quando nasci, uma Fada muito má e inimiga da minha família, deitou-me a sina de morrer no dia do casamento se não encontrasse um Príncipe que me quisesse tanto bem que me ajudasse a vencer o encanto, estando sete dias a viver comigo como dois irmãos.

O noivo, temendo que a Princesa morresse, prometeu que assim seria. E durante sete dias assim viveram, sem que a menina um só momento atraçoasse a amizade e confiança da

A PRINCESA COBRA

Princesa, esperando por ela com toda a confiança e guardando consigo o segredo do qual dependia o desencanto.

Quando chegou o sétimo dia depois do casamento, a menina vestiu os seus ricos trajos de noiva, entrou na Igreja e foi para a porta esperar que desse a meia-noite, hora a que se acabava o fadário da Princesa.

Sentiu invadi-la um sono mágico, que a queria dominar, mas, reagindo, conseguiu vencer aquele mal, e ao dar a meia-noite ouviu o silvo e o rastejar duma cobra no jardim e logo três pancadas violentas na porta.

Com muita coragem abriu logo o portão chapeado de ferro, e cheia de alegria viu a linda Princesa com o seu fato de noiva, como na hora em que tinha fugido, encantada em serpente.

Abraçaram-se, chorando de felicidade, e juntas foram procurar o Príncipe, a quem contaram tudo que sucedera. Muito satisfeito por tornar a ver cheia de vida e de beleza a sua tão querida noiva, já livre do fadário cruel que tanto a fizera sofrer, o Príncipe agradeceu à amiga o sacrifício que fizera pela sua felicidade e dali foram todos contar ao Rei o que se tinha passado.

As duas meninas eram tão parecidas, vestidas de igual, que qualquer pessoa estranha as não poderia distinguir.

Houve grandes festas e regozijos. No fim, a amiga dedicada disse à Princesa que desejava ir para longe da Corte fundar uma grande casa para recolher e educar as meninas pobres, como também ela fora. Que assim ficaria de bem com a sua consciência.

A Princesa chorou muito, pela falta que lhe fazia a sua amiga fiel e todos tiveram muita pena, mas não houve remédio senão fazer a vontade a quem soubera cumprir o dever de uma leal amizade, e para o cumprir ficara com o coração ferido.

A FILHA DO LAVRADOR



Existiu (há que tempos isso lá vai!) num grande País, um Rei muito bondoso, que tinha um filho de quem era muito amigo.

Ora o Príncipe chegou à idade de poder governar o Reino, e o Rei, cansado de fadigas e desejoso de ver como se portaria o seu herdeiro, quando ficasse senhor da sua vontade, disse-lhe que tratasse de procurar esposa, porque lhe queria passar as rédeas da governança, e não o podia fazer enquanto solteiro. Isto porque ninguém sabe o que será um chefe de Estado que não mostre saber governar uma família.

O Príncipe não tinha achado ainda mulher que lhe agradasse: esta porque não tinha espírito; aquela porque falava de mais, a procurar tê-lo; aqueloutra porque não sabia o que dizia.

Enfim, entre as princesas, grandes damas e donzelas que conhecia, nenhuma ganhava a sua confiança. Como se tinha em conta de muito lido e sabedor, respondeu ao pai:

— Senhor, eu não digo que não casarei, se for esse o vosso desejo. Mas afianço-vos que de vontade não tomarei mulher que não adivinhe o meu pensamento.

D. ANA DE CASTRO OSÓRIO

Mandou então fazer um grande carro e um carril, e colocá-los no meio da praça. Depois foi anunciado, por todo o Reino e fora dele, que o Príncipe casaria com a mulher que adivinhasse o que tal coisa queria dizer. Não houve princesa nem castelã, duquesa, fidalga ou burguesa, que não viesse olhar para o carro e carril, e, depois de pensar e dizer qualquer disparate que lhe lembrava, não fosse despedida por ordem do Príncipe. Até pobres e boçais campónias se lembraram de ser Rainhas, adivinhando o enigma. Todas se retiravam, no entanto, pelo mesmo caminho.

Até que a filha de um rico e honrado lavrador foi ter com o pai e disse-lhe que ia ela ver se fazia alguma coisa.

O pai tentou dissuadi-la, mas a rapariga respondeu que nada perdia se viesse de volta, sem adivinhar o pensamento do Príncipe.

Por isto, experimentava. E queria adivinhar, para o Príncipe ver que nem todas as mulheres eram como ele julgava.

Tendo chegado à praça e visto o carro e o carril, disse para o Príncipe:

— Meu Senhor, isto quer dizer que *entre Março e Abril, queima a velha o carro e o carril*. E pode ter outra significação, que é: *não há melhor aguada que a dentre Março e Abril*.

— Adivinhaste (disse o Príncipe) mas para que eu cumpra a minha palavra tens que voltar, de hoje a oito dias, mas não vires vestida nem despida, nem calçada nem descalça, nem a pé nem a cavalo.

Foi a rapariga para casa, pediu dinheiro ao pai e mandou fazer uma rede de oiro tão fina que se amoldava ao corpo como se fosse malha de seda. Mandou buscar ao rebanho o melhor carneiro, e, no dia marcado, apresentou-se à porta do palácio para que o Príncipe cumprisse o prometido. Pois ela vinha coberta



A FILHA DO LAVRADOR

com a rede de oiro, que a tapava completamente, e não podia dizer-se vestida; montada num carneiro, portanto nem a pé nem a cavalo; com sapato num dos pés e o outro nú, não ia calçada nem descalça.

— Bom (disse o Príncipe, ao oficial que disto o informou). Ide dizer-lhe que se retire e que amanhã lhe mando uma tarefa. Se a cumprir, será minha esposa.

A rapariga foi-se embora e ao outro dia recebeu, da parte do Príncipe, um saco de trigo, para que ela o mandasse semear, nascer, ceifar, malhar e moer e, no fim de oito dias, lhe levasse um bolo de farinha.

Ela não se afligiu. Deixou-o ficar, e no dia marcado pegou numas poucas de dúzias de ovos, bateu-os em gemada e mandou-os ao Príncipe com este recado: que se ele chocasse aqueles ovos e fizesse nascer pintos, também ela em oito dias fazia semear, nascer, ceifar, malhar e moer o trigo que lhe mandara.

Vendo o Príncipe que não tirava a melhor com a rapariga, e que, a continuar a experiência, corria o risco de ser tomado por tolo, chamou-a e disse-lhe:

— Estou resolvido a fazer o que prometi, mas tem de ser com a condição de que nunca te meterás nas justiças ou injustiças que eu faça.

A filha do lavrador aceitou este contracto. Fez-se o casamento, com grande pompa, e regosijo de todos, e o Príncipe foi logo aclamado Rei, porque seu pai assim o quis.

Ora a nova Rainha via fazer toda a qualidade de injustiças, porque lá diz o ditado: — livra-te de paredes velhas e de auto-

D. ANA DE CASTRO OSÓRIO

ridades novas. Nada dizia, para não quebrar a promessa. Mas, lá de si para si, ralava-se, e não lhe sofria mais o ânimo tanto mal.

Até que um dia apareceram dois homens com uma questão, para o Rei julgar. Um deles tinha uma égua e o outro um campo, onde o animal andava a trabalhar e onde tivera um potro.

Dizia o do campo que lhe pertencia o cavalinho, porque nascera no seu campo. Jurava o outro que não; que, sendo o potro filho da sua égua, só ele era o dono. O Rei ouviu-os a ambos e mandou entregar o cavalinho ao do campo, que se foi embora todo satisfeito. O outro fartava-se de chorar, porque era muito pobrezinho e aquela perda era muito grande para as suas posses.

A Rainha soube deste caso, ficou indignadíssima e mandou vir o homem à sua presença, ensinando-lhe o que devia fazer.

Era alta noite quando toda a gente foi acordada com violentas pancadas que um homem, que era o dono da égua, estava dando, com um malho de ferro, na cantaria do palácio. O Rei mandou saber o que queria dizer tal disparate, e o homem respondeu que estava ali pescando.

O Rei imaginou que o homem estava varrido da cabeça, e contou à Rainha o caso, em ar de graça. Ao que ela respondeu:

— Não vos admireis, Senhor. Tanto podem da pedra nascer peixinhos como da terra cavalinhos.

Conhecendo então o Monarca a injustiça que praticara, revogou a primeira sentença e ainda deu dinheiro ao homem. Este era dos que emendam o mal que fazem; por isso o podemos ter na conta de bom.

Mas, conhecendo também que a Rainha se metera naquela sua injustiça, contra o combinado, disse-lhe que se podia retirar

A FILHA DO LAVRADOR

para casa de seu pai, porque não cumprira o prometido, e portanto não queria mais viver com ela.

— Vou imediatamente, Senhor. E lá serei mais rainha do que no vosso palácio. Mas deixai-me antes pedir-vos perdão, se ofensa julgais o meu acto inocente. E ficai com a certeza de que nunca deixarei de vos estimar.

— Cearei contigo esta noite (disse o Rei, que, no íntimo, se arrependia da sua decisão). E amanhã cedo te irás embora, podendo levar do palácio aquilo que mais estimares.

Nunca a ceia fora tão alegre, nem a Rainha se mostrara formosa e engraçada como nessa noite. E muito disfarçada, sem que seu marido se apercebesse, deitou-lhe dormideiras no vinho.

Daí a pouco adormeceu ele, tão profundamente que a Rainha pôde chamar dois fidalgos, da sua maior confiança, ordenando que lhe pusessem uma berlinda e nela instalassem o Rei adormecido. Assim o levou para casa do lavrador, seu pai, que vivia numa bela quinta de lavoura.

De manhã acordou o Rei, ao ruído, estranho para ele, dos chocalhos das vacas e ovelhas, saindo para o pasto, e ao cantar alegre do galo, anunciando que principiava o dia para a labuta dos que vivem da terra.

Deitou os olhos em roda. E, não vendo no quarto as cortinas de seda que lhe vedavam a luz, nem os quadros de mestres, pelas paredes, nem o rico tapete no chão, nem as cadeiras douradas, nem coisa alguma das que estava habituado a ver, imaginou-se num sonho. Para acordar esfregava os olhos com força. Mas, vendo sempre as mesmas coisas, afinal se convenceu de que eram a realidade e não um sonho. Chamou, então, por alguém. Entrou a Rainha, muito formosa e satisfeita, com os

D. ANA DE CASTRO OSÓRIO

seus fatos de camponesa, e perguntou o que desejava o seu Rei e Senhor.

— Quero que me digas onde estou.

— Em casa de meu Pai, Real Senhor.

— Ora essa! Em casa de teu pai, para quê?! Só tu devias vir, por não cumprires aquilo que prometeste.

— É certo (respondeu ela graciosamente). Mas não me disse Vossa Majestade que do seu palácio podia trazer o que mais estimasse? É o meu marido e Rei o que mais estimo e quero. Por isso o trouxe comigo.

O Rei compreendeu então que ela era uma mulher superior a todas as outras. Ficou muito satisfeito de a ter por esposa. Levou-a para o palácio e, daí em diante, nada fazia sem a consultar. Não teve que se arrepender. E ambos foram sempre muito felizes e amigos um do outro, e justos e bons para o seu Povo.

A MENINA QUE FOI JUIZ
DO SEU NOIVO



Era uma vez um opulento Mercador, já viúvo, que tinha uma só filha, muito bonita e airosa. Mas, fosse por temor do mundo, que por experiência conhecia, fosse por demasiados ciúmes de pai, conservava a pobre menina em tão apertado cativeiro que nunca ninguém de fora da casa pudera conversar com ela. E nem os empregados nem os vizinhos e amigos do Mercador tinham conseguido vê-la, sequer.

Uma boa mestra, muito velhinha, piedosa e sabedora; a governanta, em quem a menina tivera uma segunda mãe; e o caixeiro mais moço, que fora criado em casa, desde pequenino, eram as únicas pessoas a quem a menina podia falar.

Assim passava uma vida triste e aborrecida, embora muito aprendendo nos livros o que era a variedade e beleza do mundo, que entretanto o seu pai percorria, em longas viagens. E, por lhe não saber as fortunas e os enganos, o imaginava ainda mais digno de ser visto.

Não a satisfiziam as riquezas que a rodeavam em sua casa,

D. ANA DE CASTRO OSÓRIO

nem as jóias, tecidos e outras maravilhas de longes terras, que, de regresso das suas viagens, o pai lhe trazia, para a presentear.

Obediente ao que ele ordenara, nem a uma janela assomava, a pobre menina. Apenas passeava no seu grande e belo jardim, fechado por altos muros.

Mas, afinal, apesar de tão cuidadosamente escondida, sempre foi vista, um dia, por um moço Capitão de navios, da cidade vizinha, que viera à loja do Mercador contratar um frete de fazendas para o Brasil.

Passava ele, no seu cavalo, ao longo do jardim do Mercador, quando ouviu cantar uma cantiga tão saudosa que logo se sentiu apaixonado. Sabedor do cativeiro em que vivia a filha do Mercador, pensou se seria ela a cantora da saudosa e triste canção. Mas a ninguém o quis perguntar.

No outro dia, movido por uma força que já o não deixava sossegar, passou de novo junto aos muros do jardim. E, ouvindo cantar, pôs-se de pé sobre a sela do cavalo, e, agarrando o ramo pendente de uma grande árvore, conseguiu subir para o alto do muro, e, escondido na ramaria, olhou para o jardim. E então viu, sentada junto duma fontainha, e cantando tristemente, a menina mais bela e airosa que jamais imaginara.

Se apaixonado estava, mais apaixonado ficou. E desde logo decidiu pedi-la em casamento, ao pai, quando ele regressasse, pois sabia ser dele bastante considerado.

Para mais certeza do acolhimento que teria o seu pedido, abriu-se com os encarregados principais da loja do grande Mercador. Contra o que supusera, disseram-lhe eles, com tristeza, que melhor fora não ter pensado em tal coisa, e que desistisse de fazer o pedido, pois não poderia pôr nele qualquer espe-

A MENINA QUE FOI JUIZ DO SEU NOIVO

rança, e que, teimando, era certo romper a amizade com o Mercador, e até, porventura, provocar alguma desgraça.

Mas não sabe perder a esperança o coração que sabe amar.

Sem a ninguém dizer mais nada, resolveu o moço Capitão dar conhecimento à filha do Mercador do muito que lhe queria. Decidiu-se, afinal, a pedir ao caixeirinho que fosse portador duma carta para a menina, pondo-a no seu açafate de costura. O caixeirinho, vendo-o com as lágrimas nos olhos, e muito o estimando, e ainda mais lamentando a tristeza da sua menina, acedeu a prestar-lhe o favor pedido. E assim o fez.

Lida a carta, assomou a menina, por um momento, à janela. Viu o moço Capitão, e gostou dele. E mandou-lhe dizer, por boca do caixeirinho, que casaria com ele, se o seu pai lho consentisse.

Resolveram aguardar a volta do Mercador. Mas todos os dias o moço Capitão subia ao alto muro do jardim, e, oculto na ramaria da árvore de onde primeiro pudera vê-la, conversava, de longe, com a menina a quem já chamava a sua noiva.

Passado pouco tempo voltou o Mercador. E logo o moço Capitão o foi visitar e lhe pediu a filha em casamento. Mas, contra o que esperava, só obteve a negativa e más palavras.

Também a menina pediu ao pai que lhe desse aquele marido, e, com a sua bênção, a liberdade para ser feliz ou infeliz. Mas o Mercador ainda ficou mais zangado com este pedido. E não só negou a licença para o casamento, mas também mandou dizer ao moço Capitão que saísse da cidade, e não mais ali voltasse, pois, de contrário, saberia castigar, na filha, o mal que ele teimava em fazer-lhe.

Desanimados já de terem uma resposta favorável aos seus pedidos, combinaram casar, mesmo sem a bênção desejada.

D. ANA DE CASTRO OSÓRIO

Resolveu o Capitão levar a menina para a sua terra, e para isto pediu-lhe que fugisse a tão triste cativoiro. Ela, que também muito lhe queria, consentiu no pedido. E assim combinaram que ele a aguardaria, com dois cavalos prontos a seguir viagem, numa noite sem luar, debaixo da varanda de onde a menina poderia descer por uma escadinha de corda, que conseguira mandar-lhe. Na noite, combinada, juntou a menina as suas jóias e vestidos e preparou-se para abandonar a casa. Nisto, sentiu os passos do pai, que a procurava. Foi à varanda, muito à pressa, e, descendo o que já entrouxara, disse ao noivo que voltasse na noite seguinte, à mesma hora, para, então, a levar.

Um grande bandido, que nesse momento passeava no escuro da rua, ouviu a rápida conversa. Foi seguindo o moço Capitão, e, no meio do caminho, assaltou-o à traição, tirou-lhe todas as riquezas que levava, e prendeu-o.

Na noite seguinte, vestiu o fato do prisioneiro, e com os seus cavalos foi pôr-se debaixo da varanda. Como estava escuro, a menina, que não podia supor o que sucedera ao seu infeliz noivo, julgou reconhecê-lo naquele vulto, desceu a escadinha de corda, e logo montou a cavallo para o acompanhar. E sem dizer palavra, não fosse alguém perceber a fuga, foram, a princípio, cavalgando.

Já fora da cidade, quando a menina, crendo falar ao noivo, ouviu a voz do companheiro que levava, reconheceu o engano que a má sorte lhe preparava. Ficou cheia de raiva, mas não o deu a conhecer ao terrível homem nas mãos de quem caíra.

Fingiu grande satisfação por ter sido libertada, e foi entre-tendo a conversa, corajosamente, e dizendo quanto o pai poderia pagar em seu resgate.



A MENINA QUE FOI JUIZ DO SEU NOIVO

Assim cavalgaram, sem verem ninguém, até chegarem à casa dos ladões, que era no meio duma floresta.

Ao entrarem, ficou a menina muito surpreendida por não ver mais nenhum bandido, pois quisera a sorte que eles andassem longe, numa expedição de ladroagem. E logo pensou em desfazer-se do homem que a roubara. Aceitou-lhe a ceia, e, fingindo-se muito satisfeita, foi-lhe servindo aguardente e vinho, de maneira que em pouco tempo estava o ladrão embriagado, como morto, a dormir debaixo da mesa.

Sem nunca perder o ânimo, foi a menina buscar à cavalaria os dois cavalos, já descansados. Carregou um deles com o que era seu e com muito dinheiro, jóias e roupas, que pôde juntar, à pressa, da muita riqueza roubada que por ali havia. Vestiu, depois, um fato de homem, que muito bem a disfarçava, montou num dos cavalos e, levando o outro, carregado, à arriata, partiu, muito senhora de si.

Andou o resto da noite, e pela manhã atravessara a floresta. Perguntando a uns pobres lenhadores, soube a direcção e os caminhos que levavam à terra do seu noivo. E para lá se dirigiu.

Logo que entrou na cidade inculcou-se Negociante, dizendo que de longas terras viera com o desejo de ali se estabelecer. E sem demora alugou a melhor casa, tendo a loja de mercador no rés-do-chão e vivendo no primeiro andar.

Como ninguém a podia conhecer, e todos a supunham um homem, começou a dirigir o negócio de Mercador.

Tratou, então, de colher informações para saber do paradeiro do seu noivo. Por mais, porém, que procurasse, durante meses, nada soube do moço Capitão de navios, por quem os tris-

D. ANA DE CASTRO OSÓRIO

tes pais choravam, sem consolo, e de quem na cidade lhe falavam com muita pena de o julgarem perdido ou morto no mar.

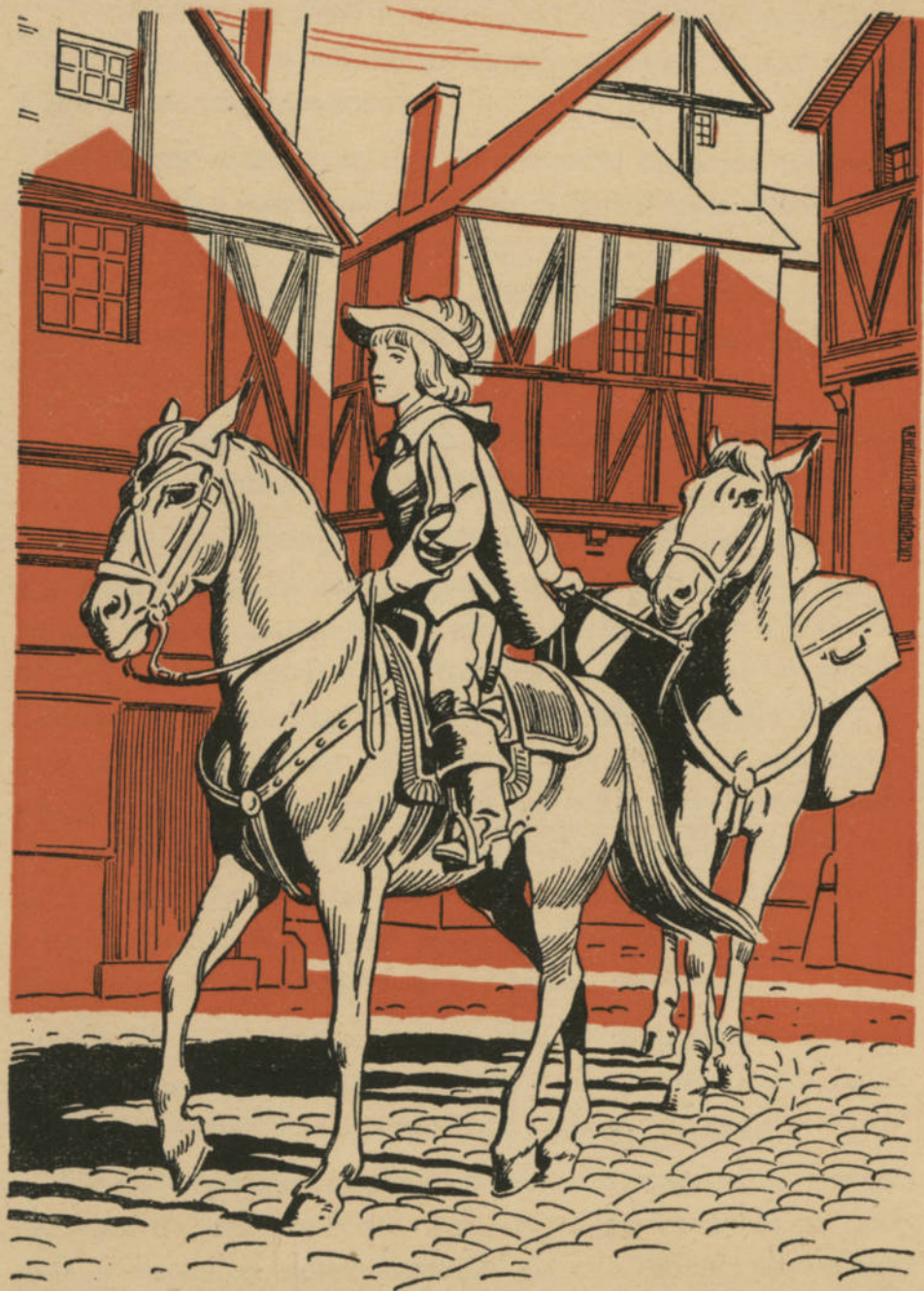
Muito ilustrada e criteriosa, começou a menina, feita Mercador, a ser muito estimada por todos. E, como naquela terra os Juizes eram de nomeação do povo, foi em breve elevada a essa dignidade, desempenhando-se do seu cargo com muita competência e acerto e a contento de todos, o que raro sucede.

Um dia, com a maior admiração, viu entrar no Tribunal, quando estava a distribuir justiça, o seu pobre noivo, desfigurado e roto, entre dois oficiais de justiça, preso por ter assassinado um homem.

Apesar do sobressalto que sentiu, nada mostrou, e chamando o réu perguntou-lhe porque estava naquele triste lugar.

— Senhor Juiz (disse o rapaz), embora eu esteja tão desfigurado que ninguém ainda me reconheceu, sou um homem honrado e bom desta cidade, capitão de navios e armador, e a minha família é bem conhecida por todos.

Quis a minha sorte que há meses fosse à cidade vizinha e lá visse a filha de um Mercador, tão formosa e discreta que logo me cativou. O pai era muito avaro do seu tesouro e não me deu em casamento. Mas o amor é uma grande força. Arrastou-nos. E combinámos casar às escondidas. Nisso andámos nós mal, e me arrependo perante Deus e os homens. Mas de nada mais me acusa a consciência. Quando a ia buscar para a trazer aqui, fui preso e roubado por um bandido, chefe duma quadrilha de ladrões, que me maltratou e me impediu de voltar no dia seguinte a buscar a minha querida noiva. E nunca mais soube o que foi feito dela! Porque esse mesmo bandido a raptou, enganando-a com os meus trajés.



A MENINA QUE FOI JUIZ DO SEU NOIVO

— Acho extraordinário que esse ladrão soubesse tudo o que era preciso para o substituir, quando esperava a sua noiva, (disse o Juiz com severidade).

— Ouviu a conversa, quando a menina me disse que guardasse a roupa e voltasse no dia seguinte, para a levar. Ele mesmo, rindo, m'o contou. Foi por ter ouvido a nossa conversa que resolveu assaltar-me e prender-me. E assim, disfarçado com os meus trajas e levando os meus cavalos, em meu lugar esperou no dia e hora marcados.

— Mas (perguntou ainda o Juiz), há quanto tempo se passou tudo o que disse? E o que fez até agora?

— Há uns poucos de meses foi. E nada pude fazer até agora. Os ladrões, tiveram-me preso, num subterrâneo por algum tempo. Depois, tirando-me da prisão, obrigaram-me a acompanhá-los, para os servir e lhes transportar os fardos e as armas. Consegui, por fim, fugir, e logo fui procurar a minha noiva a casa de seu pai, a quem achei quase louco de dor. Como supunha que ela fugira comigo, apenas me pedia que lha trouxesse. E eu, que pensava que ele a tivesse podido resgatar, chorei com ele a desgraça que nos castigara os erros de ambos. Expliquei-lhe a traição de que fora vítima, e ele acreditou em mim, que a sua casa voltara e me entregava ao seu poder.

Chorámos os dois, abraçados, mas por fim, jurando-lhe que tudo faria para encontrar a sua filha e minha noiva, parti, decidido a dar batalha aos ladrões, para a reaver, ou vingar.

Voltei a esta minha cidade para juntar e armar gente aventureira que quisesse seguir-me. Mas, ontem, ao apear-me na hospedaria, encontrei aquele bandido que m'a roubara disfarçado

D. ANA DE CASTRO OSÓRIO

com trajos de Mercador, comendo e bebendo e muito festejado por gente séria que na conta de Mercador o tinham.

— Mas como o reconheceu? (perguntou o Juiz).

— Por este lenço da minha noiva que ele trazia consigo. Quando lho vi apossou-se de mim um tal desespero que, sem pensar em desmascará-lo e fazer que logo o prendessem, perdi a cabeça e logo o matei. Os seus enganados companheiros maltrataram-me e até matar-me quiseram. Mas um deles reconheceu o disfarce do morto, e disse quem ele era. Resolveram trazer-me a julgamento. E já agora devem saber o homem com quem estavam.

Ouviu o Juiz, serenamente, as testemunhas. E todas confirmaram o que dissera o matador, e o desculparam e louvaram, reconhecendo o engano em que também tinham caído.

Então o Juiz lavrou a sentença que absolvía o réu e leu-a diante do povo, que a aplaudiu e muito festejou o moço Capitão de navios, por ter livrado a sua terra de um tão grande e audacioso malfeitor.

Ordenou mais o Juiz que fosse um destacamento de soldados cercar o valhacoito dos ladrões, servindo-lhes de guia o moço Capitão, por lhe conhecer o sítio e os caminhos. Ele aceitou com muita alegria, por querer procurar a noiva que imaginava ainda prisioneira daqueles salteadores.

Saiu do tribunal muito satisfeito com a sentença do Juiz, sem que, nem por sombras, suspeitasse que era a sua própria noiva quem a escrevera, e lhe falava.

Guiou o destacamento ao sítio onde se acolhiam os ladrões. Cercaram a casa e apanharam toda a quadrilha, que se reunira para escolher um novo chefe, pois o capitão fora morto.

A MENINA QUE FOI JUIZ DO SEU NOIVO

Deram buscas e mais buscas, e encontraram muitas pessoas presas nos subterrâneos, e riquezas, sem conto, que foram levadas para o tesouro da cidade, ordenando o Juiz que se gastassem em boas obras, de proveito geral, aquelas que ninguém pudesse provar pertencer-lhe. Algumas das pessoas soltas do cativeiro, ficaram tão satisfeitas que juntaram a essas riquezas muitas dádivas, em prova de reconhecimento à cidade que assim os tinha libertado, o que tornou aquela terra numa das melhores do País, com as muitas obras que logo a menina feita Juiz foi decretando.

Quis, depois, o povo arrazar a fortaleza dos ladrões, para acabar até com a memória de tanta maldade e tantas desgraças. E toda a cidade festejava o sábio magistrado que tão bem servira a Justiça. Apenas o pobre Capitão estava mais triste do que nunca, pois nada o consolava de não ter encontrado nem rastro da sua noiva.

Cheio de mágoa, resolveu sair da terra em que todos o estimavam, mas onde não podia ter alegria nem esperança, e foi um dia procurar o Juiz para se despedir e lhe agradecer o que por ele tinha feito.

— Para onde vai? (perguntou a filha do Mercador).

— Vou correr mundo, senhor Juiz, até encontrar a minha noiva, que nem viva nem morta encontrei na casa maldita.

— E tem a certeza de que a procurou bem?

— Oh, se tenho! Não houve canto nem recanto onde a não buscasse!

— As vezes está a gente com as coisas debaixo dos olhos e não as vê.

— O senhor Juiz está a rir-se da minha aflição. Não sabe, com certeza, nem Deus queira o saiba nunca, o que é viver nesta

D. ANA DE CASTRO OSÓRIO

dúvida em que eu estou, sem saber se aqueles malvados mataram a mais encantadora das mulheres!

E desatou a chorar, com tal sentimento, que a menina feita Juiz só pôde responder-lhe:

— Não me rio da sua desgraça. O que pergunto é muito a sério. Diga-me: se o senhor visse a sua noiva, se lhe falasse, tem a certeza de que a conheceria?

— Então não havia de a conhecer?! Pois se não há outra como ela!

— Está bem, creio nisso, mas antes de se ir embora, desejo falar-lhe ainda. Aguarde um pouco, pois tenho de atender com urgência, outros visitantes. Espere, que eu já volto.

Saiu da sala do tribunal, onde deixou o rapaz entregue ao seu desgosto, e entrando no gabinete tirou a toga de Juiz e vestiu os seus fatos de Senhora. Assim preparada, mandou chamar o noivo, que imediatamente a reconheceu e ficou surpreso e alegre que por pouco não sucumbiu a tanta felicidade.

Ao saber que fora ela mesma o seu bom Juiz, ficou cheio de espanto e contentamento, não se admirando que fosse tão justo.

Apenas lhe perguntou porque lhe dera tão grande provação.

— Padecemos os dois (disse-lhe a menina). Castiguei-me e castiguei-te, como Juiz, porque também nós fomos culpados. Alguma razão tinha o meu pai em temer os males do mundo para a filha, a quem tinha tanto amor.

Tudo teria evitado se nos desse a licença pedida para nos casarmos. E também foi castigado com muitas mágoas. Que ele nos perdoe, como nós lhe perdoámos já.

E abraçaram-se os dois, chorando, agora, de alegria. A notícia deste caso espalhou-se pela cidade, e todos correram a bus-

A MENINA QUE FOI JUIZ DO SEU NOIVO

car os noivos, em triunfo levando-os a casa dos velhos pais, que nem queriam crer em tanta felicidade.

Fez-se o casamento com grande pompa, não havendo ninguém na cidade que não quisesse festejar o seu Juiz.

Partiram, logo depois, para a cidade vizinha, a pedir perdão ao velho Mercador, que ficou alegríssimo ao tornar a ver a filha que já tinha por morta. E com a redobrada alegria de quem muito sofrera lhe abençoou o casamento.

A boa mestra velhinha, essa nunca perdera a esperança, e muita vez dizia, no meio da tristeza de todos, que confiava nas suas orações e nos ensinamentos de tantos bons livros que dera a ler à sua menina. E agora se alegrava por não ter desesperado um só momento, e mais ainda por saber o que ela fizera e a ver tão feliz.

A governanta chorava e ria como quem volta a encontrar uma filha que julgava desaparecida. E o caixeirinho, que nem podia com os remorsos do mal que facilitara, cuidando bem fazer, agora reconhecia, como os outros, que todo o mal, corajosamente sofrido, viera, afinal, por bem.

O moço Capitão e a Menina, que fora seu Juiz, passaram a viver, casados, ora numa cidade ora na outra. E foram muito felizes e acarinhados por todos. O que não sei dizer é se a Menina voltou a ser Juiz. Mas a ser consultada e respeitada, isso é que é certo para sempre ter ficado.

HISTÓRIA DA VELHINHA
E DO MENINO BEM CRIADO



Havia outrora um homem e uma mulher, grandes lavradores, que tinham três filhos, um de doze anos, outro de dezassete e outro de dezanove.

Possuíam uma famosa quinta, onde habitavam, que produzia a melhor fruta da região. Além do pomar, tinha largos campos de pão e vinhas e muitas pastagens de gado.

Eram ricos e soberbos. Quando à cidade iam vender as hortaliças e as frutas, os dois rapazes mais velhos respondiam com sete pedras na mão a toda a gente. Porque tinham a certeza de que ninguém apresentava melhores coisas no mercado.

Tratavam os pobres com desamor; eram violentos e desabridos para quem os servia; e só tinham boas palavras para os que julgavam superiores pela fortuna.

Se por acaso algum mendigo parava ao portão da quinta, pedindo esmola ou pousada, açulavam-lhe os cães e mandavam-no seguir caminho, porque, diziam eles, se queriam ser ricos, trabalhassem!

D. ANA DE CASTRO OSÓRIO

Só o mais pequeno era bondoso e bem educado e, às escondidas, dava do seu pão aos que tinham fome, confortava os tristes e tratava com delicadeza toda a gente.

Mas como ele não regateava tanto, quando ia ao mercado, e ainda por cima dava alguma fruta às crianças, que sempre o rodeavam com simpatia, os pais chamavam-no desperdiçado e já raro o deixavam ir à cidade com a carga para a venda.

Mas veio um ano de grande seca e a quinta não deu nada. Gastaram das economias, lamentando a sorte que assim os abandonava, pela primeira vez.

No ano seguinte, porém, sucedeu o mesmo. A terra parecia ter sido amaldiçoada e nada já produzia. As árvores ressequiam-se e não davam fruto; os campos de sementeira nem sequer davam a semente; a água secava nas minas e nas fontes; e o gado morria de fome e doença.

A miséria entrou-lhes em casa, acompanhada ainda por mais negro desespero. Pai e mãe maldiziam a sorte; e os dois rapazes mais velhos blafesmavam de tudo e todos, zangando-se com o mais novo por lhes aconselhar que tivessem paciência e resignação, na esperança de melhores dias.

— Atrás de tempo, tempo vem (repetia-lhes ele). Ainda hão-de voltar os anos de fartura.

Mas nem os pais nem os irmãos o queriam ouvir, amaldiçoando a terra que para nada servia.

A boa criança sofria, calava-se e não desesperava. Todas as manhãs ia ver os campos, não perdendo a esperança de os ver floridos, até que um dia foi a gritar para casa, muito alegre, dizendo:

— Venham ver as nossas pereiras carregadas de fruto!

HISTÓRIA DA VELHINHA E DO MENINO BEM CRIADO

Os pais e irmãos não quiseram acreditar e até lhe iam batendo, chamando-lhe mentiroso, pois não era tempo dessa fruta, nem ainda em tal se pensava.

Mas o pequeno tanto pediu que fossem ver, que um dos irmãos se resolveu a ir com ele, mas logo o prevenindo que lhe daria uma sova, se tivesse mentido.

Quando chegou ao pomar, ficou de boca aberta, pois viu todas as árvores vergando ao peso das flores e as pereiras tão carregadinhas de fruto que era um encanto ver-se.

Foram a correr para casa e então os pais e o outro irmão acreditaram no que lhes diziam e vieram também certificar-se por seus olhos.

Encheram cabazes e cabazes de lindas peras, e quantos mais enchiam mais parecia ficarem nas árvores. Pais e filhos não tinham mãos a medir e não cabiam em si de contentes.

Foram buscar duas grandes golpelhas e o burro, que era o único animal que resistira à fome, e carregaram-no de peras, a mais não poder. O rapaz mais velho preparou-se e partiu para a cidade com a carga.

Ia radiante, e tão soberbo, com a sua mercadoria, que a ninguém saudava. Parecia-lhe que estava outra vez rico e não precisava de ser agradável para os outros.

No meio do caminho encontrou uma Velhinha muito pobre, mas limpa e asseada, que lhe perguntou:

— O que leva aí, meu senhor?

— Levo chifres (respondeu-lhe com insolente arrogância, o rapaz).

— Chifres levará e chifres trará (tornou a Velhinha com tristeza).

D. ANA DE CASTRO OSÓRIO

O rapaz não se importou com aquelas palavras e continuou, assobiando e cantando, pela estrada fora, até que chegou à cidade.

Começou então a apregoar as boas peras e, como não era tempo de fruta, e o rapaz era conhecido por ter da melhor na sua quinta, acercou-se muita gente para lhas comprar.

Mas, quando descobriu as golpelhas e quis vender peras, apenas encontrou chifres para dar. O povo ficou desesperado por cuidar que tinha sido ludibriado propositadamente. E matariam o rapaz à pedrada e à paulada, se ele não tivesse logo fugido.

Quando voltava para casa encontrou a mesma Velhinha, que lhe perguntou:

— Então vendeu muitas peras?

— E você o que tem com isso!? Sempre é muito confiada!

— Não filho, é porque desejava o seu bem, mas vejo-o tão soberbo que tenho bastante mágoa em lhe dizer que assim só pode levantar inimizades e más vontades.

— Ora deixe-me, e vá dar conselhos a quem lhos pedir.

E seguiu, furioso, para a quinta. O pai, a mãe e os irmãos, que esperavam ansiosos, caíram das núvens quando ele lhes contou o que sucedera na cidade. Mas ainda mais espantados ficaram quando descobriram as golpelhas e as encontraram cheias das magníficas peras.

No dia seguinte foi o segundo rapaz, com recomendação de as vender bem caras, para se pagarem do desaire da véspera.

No meio do caminho encontrou ele a mesma Velhinha, que lhe disse:

— Bons dias, meu senhor, o que leva aí?

HISTORIA DA VELHINHA E DO MENINO BEM CRIADO

O rapaz olhou-a com soberba, e, como a não viu com cara de ter dinheiro, respondeu-lhe:

— Levo pedras, é o que levo.

— Pedras levará e pedras trará (tornou a Velhinha, com tristeza).

Quando chegou à cidade começou o rapaz a apregoar — *as boas peras!*

Era cedo, andavam as donas de casa e as criadas fazendo as suas compras, e todas correram a apreçar a delicada fruta. Mas, quando o rapaz foi a descobrir as golpelhas para mostrar a excelência da sua qualidade, não viram senão pedras.

As mulheres ficaram desesperadas; e, se ele não foge, davam-lhe uma boa lição.

Voltou para casa, desesperado, e no mesmo sítio encontrou a Velhinha, que lhe perguntou:

— Então vendeu muitas peras?

— O que tem você com isso, sua Velha atrevida? Vá-se da minha vista para fora, que você é que me deitou mau olhado à carga.

— Ai, filho, que mau génio tem!

— Deixe ter, isso é consigo!?

E, voltando-lhe as costas, dirigiu-se para a quinta, onde os pais, ao saberem do caso, ficaram aflitíssimos, dizendo mil impropérios contra a má sorte que tanto os perseguia.

Foram ver as golpelhas e encontraram as mesmas peras. Não sabiam como explicar tão extraordinário caso!

Na manhã seguinte preparou-se o mais pequeno, arranjou o burro com a carga e, despedindo-se dos pais, lá foi para a venda.

D. ANA DE CASTRO OSÓRIO

No meio do caminho encontrou a mesma Velhinha, que lhe perguntou:

— O que leva aí, anjinho,

— Levo peras, minha senhora, quer algumas?

— Obrigada, filho. Peras levarás e peras trarás.

O rapaz cumprimentou-a com todo o respeito e seguiu para a cidade.

Chegando ali, começou a apregoar — *as boas peras*. Mas toda aquela gente estava já escaldada com os outros rapazes e ninguém apareceu a comprar. Não desanimava o pequeno, e continuava apregoando as peras por todas as ruas da cidade, não se importando com os insultos que lhe dirigiam. Até que uma criancita se chegou ao pé dele e disse-lhe:

— Vende-me uma perinha para a minha mãe, que está doente?

— Não ta vendo, dou-ta, escolhe aí.

E descobrindo a carga deixou o pequenito escolher uma pera admirável que levou muito satisfeito à mãe.

Muita gente que assistiu a esta cena e outras que viram a fruta, ficaram admiradas da sua beleza e tamanho, e foram também comprar.

A notícia espalhou-se rapidamente pela cidade, e o rapaz vendia sem descanso. E quanto mais vendia mais cheias via as golpelhas.

Já não sabia onde meter o dinheiro, que ia trocando para mais facilmente o poder transportar; até que, não podendo levar mais, resolveu voltar à quinta.



HISTÓRIA DA VELHINHA E DO MENINO BEM CRIADO

No mesmo sítio onde a encontrara, tornou a Velhinha a aparecer-lhe, perguntando:

— Então, menino, fizeste muito negócio?

— Ai, minha senhora, não fiz mais por não saber onde trazer o dinheiro. Parece que a senhora abençoou a mercadoria.

— Ainda bem. Olha, menino, tu fazes-me um favor?

— Faço, sim, minha senhora.

— Então vai a casa levar esse dinheiro e volta aqui, para ires de meu mandado levar uma carta.

O pequeno disse que sim e foi a correr para casa. Os pais e os irmãos, quando o viram carregado de dinheiro, ficaram tão contentes que nem sequer se importaram de lhe perguntar para onde ia quando participou que uma senhora o encarregara de lhe fazer um recado. O que quiseram foi apanhar o dinheiro. E se avarentos eram, ainda mais soberbos e avarentos se fizeram.

O rapazinho chegou ao sítio onde a Velhinha o esperava e disse-lhe:

— Aqui estou, às suas ordens.

— Bem, anjinho, muito bem. Pega nesta carta, que é para o meu filho. Vai por esse caminho fora e do que vires não te admires. Quando chegares ao fim hás-de encontrar um palácio. Aí é que entregarás esta carta.

O rapazinho pegou na carta, cumprimentou a Velhinha e pôs-se a caminho. Andou, andou, e ao fim de muito andar por uma estrada deserta e feia, viu um grande campo onde muitos carneiros pastavam em viçosas ervas. Mas notou que, sendo tão bom o pastio, estavam magros qual se não pusessem dente em comida.

Não se admirou e continuou para diante.

D. ANA DE CASTRO OSÓRIO

Passou então por outro campo sem verdura nenhuma. Era um deserto, onde só havia pedregulhos e terra maninha, e, apesar disso, andava nele pastando um grande rebanho de carneiros, gordos e formosos que era uma admiração.

Mais adiante, viu duas grandes pedras a baterem uma na outra, mas quando ele passou quedaram-se, continuando depois, ainda com mais força, naquele batalhar.

Adiante encontrou uma grande fogueira, mas quando chegou ao pé das chamas afastaram-se, e ele passou por elas sem se queimar nem sentir calor.

Sempre sem se admirar, foi andando, até que topou com um rio caudaloso que não tinha passagem nem ponte. Parou e pôs-se a esperar que aparecesse algum barqueiro para o transportar para a outra margem, mas tanto esperou que se fartou e resolveu atravessar a nado a caudalosa corrente. Mal adiantou um pé, as águas afastaram-se miraculosamente, e pôde seguir por uma estrada magnífica, que se ia afundando e depois subindo, à proporção que ele caminhava para diante.

Quando pôs o pé em terra, voltou-se e não viu a estrada que seguira.

Foi andando, andando, até que chegou a um segundo rio, todo de leite. Atravessou-o da mesma maneira, e, sem se admirar, seguiu o seu caminho.

Mais adiante encontrou um terceiro rio, todo de sangue; atravessou-o, também por estrada que se abriu diante dos seus passos, e, quando chegou à margem oposta, deparou com um soberbo palácio que resplandecia como se fosse feito de diamantes. Sem se admirar de coisa alguma, bateu à porta e esperou que lha viessem abrir, com toda a sua grande paciência.

HISTÓRIA DA VELHINHA E DO MENINO BEM CRIADO

Daí a instantes apareceu um Velhinho, sorridente e calvo, que lhe perguntou o que desejava.

— Desejo entregar ao dono deste palácio esta carta, que uma senhora, que encontrei no caminho, me deu para aqui vir trazer.

O Velhinho, que levava à cintura um grande molho de chaves, sorriu-se, mandou-o entrar, e foi dentro com a carta.

— Meu menino (disse-lhe, daí a pouco, voltando, para o conduzir) o Senhor não está em casa, mas a Senhora mandou-o entrar.

O pequeno assim fez. Ia entrando e, apesar de não se admirar com coisa alguma, não podia deixar de se surpreender, porque não ouvia senão cantos e músicas deliciosas, sem ver quem tocava e cantava. Um perfume suavíssimo espalhava-se no ar. E, andando, sentia-se como que levado por sobre tapetes de flores, sem sentir os passos nem fazer nenhum esforço para mecher as pernas.

O Velhinho ia adiante e assim o conduziu a uma sala resplandecente como o Sol, onde viu a Velhinha que encontrara no caminho e ali o mandara, transformada em formosa Rainha e rodeada de anjinhos, que a festejavam.

Por toda a parte via Anjos e Santos, com seus resplendores de ouro, e olhando melhor para o Velhinho, a quem primeiro falara, reconheceu nele o bom S. Pedro.

Muito confuso, chegou ao pé da Senhora, que lhe perguntou se o que vira o admirara e assustara muito.

— Não, nada me assustou, Senhora, porque só pensava em chegar aqui, cumprindo a minha missão.

D. ANA DE CASTRO OSÓRIO

— Pensaste bem, criança, porque todo aquele que põe os olhos na sua missão, e só pensa em a cumprir como deve, não tem que temer dos obstáculos do mundo. Mas viste, realmente, coisas extraordinárias?

— Senhora, vi coisas por tal forma estranhas que nunca poderia supor que existissem.

— Dize-me então o que foi, que eu te explicarei a sua significação.

— Senhora, a primeira coisa que vi, extraordinária, foi um rebanho de carneiros muito magros a pastar num lindo prado.

— Esses são os ricos avarentos, cheios de dinheiro. Passam fome e miséria, porque não querem gozar dos bens que a fortuna lhes concedeu. E que mais viste, menino?

— Mais adiante encontrei um rebanho de carneiros a pastar sobre pedras e campo maninho, e eles gordos e bonitos.

— Esses são os bons corações, que tudo contenta, e vivem sem inveja nem avareza. E que mais viste, menino?

— Senhora, vi duas pedras a baterem uma na outra, que pararam quando passei.

— Isso são as comadres e os amigos invejosos, que se beijam e dizem mal uns dos outros. Não viste mais nada?

— Uma fogueira muito grande, que se abriu quando eu passei.

— Era a imagem do desespero dos teus irmãos e dos teus pais e o seu castigo por serem soberbos e responderem mal a toda a gente, nada se importando com a tua ausência logo que viram o dinheiro que lhes levaste. E foi só isso que viste?

— Encontrei um grande rio que se abriu para me dar passagem.

HISTÓRIA DA VELHINHA E DO MENINO BEM CRIADO

— Esse rio caudaloso é formado pelas infinitas lágrimas de todos os infelizes que no Mundo não têm consolação. E não viste mais nada?

— Senhora, vi um rio de leite, que também se abriu para eu passar.

— É o leite bendito das mães, que corre sem nunca se estancar, para bem da humanidade. Mais nada viste, criança?

— Sim, minha Senhora, encontrei um grande rio de sangue, que igualmente à minha passagem se abriu.

— Esse rio é formado com o sangue de todos os inocentes que no Mundo têm sofrido e morrido pela verdade. Um desses foi Meu Filho, que é o dono deste palácio. Tu não sabes onde estás?

— Não, minha Senhora!

— Pois aqui é o Céu, para onde vêm todos os que são bons, como tu. Agora dize-me qual queres: muito dinheiro para seres um grande da Terra; ou ficar aqui sossegado, com a minha bênção?

— Prefiro ficar aqui sossegado, porque nada me importo com as grandezas do mundo.

E ficou, muito satisfeito, e ainda hoje lá está, e estará para sempre.

O MANUEL TOLO



Na boa Terra de Santa Maria, numa pequena vila entre montes, viveu outrora uma pobre viúva com um filho, chamado Manuel, e uma irmã solteira.

Muito cristãs e amigas, eram como duas mães para o pequeno Manuel, a quem ensinavam que no Mundo o que mais valor tem é ganhar o Céu.

O Manuel era muito bondoso e muito simples. E assim foi crescendo, com tão simples coração e paz de alma que todos os rapazes, seus companheiros, lhe chamavam o Manuel Tolo.

Talvez assim pensassem porque sempre os ajudava e servia, sem nada querer para si, nem jamais se vingar de maus propósitos e brincadeiras pesadas.

Ora o Manuel ouvira dizer ao Senhor Prior, quando na escola aprendera a doutrina:

— É preciso cavar na Vinha do Senhor, para ir para o Céu.

E nunca mais lhe esqueceram aquelas palavras. Quando trabalhava no campo, muita vez dizia para consigo:

— Na Vinha do Senhor é que eu devia cavar! Assim não ganho o Céu.

D. ANA DE CASTRO OSÓRIO

Um dia, ao chegar a casa, depois do trabalho, disse para a mãe, muito decidido:

— Ó minha mãe, deite-me a bênção, que eu quero ir-me embora daqui. Vou cavar na Vinha do Senhor, que é para ir para o Céu.

A pobre mulher ficou muito aflita com a ideia de ver partir o filho por esses caminhos do mundo, e retorquiu-lhe:

— Ó filho, tu estás louco? A Vinha do Senhor é em toda a parte onde se fazem boas acções.

— Isso é o que vocemecê diz. Mas na escola ensinaram-me que é preciso cavar na Vinha do Senhor para ir para o Céu.

— Olha, filho (tornou a mulher), quem faz boas obras vai para o Céu e quem faz mal vai para o Inferno. Já sabes o que tens de fazer, sem saíres da nossa companhia, para mereceres entrar no Céu.

— Não, mãe. Eu quero ir cavar na Vinha do Senhor, porque assim é que se ganha o Céu.

A viúva ficou em muito cuidado, e, quando a irmã voltou da Igreja onde costumava rezar as suas devoções, disse-lhe, aflita:

— Olhe, mana, o nosso Manuel quer que eu lhe deite a bênção, para se ir embora por esse mundo, em busca da Vinha do Senhor, onde quer cavar. E por mais que eu lhe diga que a Vinha do Senhor é onde cada um pode praticar boas acções, não há quem o desimagine desta ideia.

— Dê-lhe a sua bênção e deixe-o ir, mana (respondeu-lhe a irmã solteira), que ele não encontrará caminho ou atalho para chegar à Vinha do Senhor, e voltará para a nossa companhia.

O MANUEL TOLO

No dia seguinte logo de manhã, tornou o Manuel a dizer:

— Minha mãe, deite-me a bênção, que eu quero ir, por força, procurar a Vinha do Senhor, e cavar nela, para merecer o Céu.

A mãe, seguindo o conselho da irmã, deitou-lhe a bênção e deixou-o ir, julgando que ele, não encontrando o caminho, voltaria para trás.

O Manuel pegou no farnel, que a mãe lhe arranjou, e na enxada, e pôs-se a caminho. Foi andando, andando, até que viu diante dos olhos duas estradas. Uma era larga e bem tratada, cheia de sombras agradáveis e de lindas flores, levando, sem canseiras, a descer suavemente, os que a seguiam. A outra era estreita, cheia de pedras, que magoavam os pés, e com sebes de espinhos, prontas a ferirem as mãos e o rosto dos poucos que a buscavam.

— Qual será o caminho do Céu (disse para consigo o Manuel Tolo)? Eu sempre ouvi dizer que a estrada que leva ao Céu é muito difícil de trilhar, e a que leva ao Inferno é larga e de boa andança. Portanto esta é que deve ser a do Céu.

E sem mais demora meteu por esse caminho áspero. Depois de muito andar, já cheio de sede e fome, e tendo a cara e as mãos feridas pelas silvas, que apertavam cada vez mais a azinhaga, e os pés magoados pelas pedras que rolavam sob os seus passos, ainda ia dizendo:

— É muito difícil este caminho, mas também, à certa, é o que leva para o Céu. Tenho de sofrer o que Deus quer, no caminho que vai para a Vinha do Senhor.

Assim foi andando, andando, sempre com muita paciência,

D. ANA DE CASTRO OSÓRIO

até que viu ao longe uma luz que parecia estar ali para o guiar. E logo disse:

— Estou quase a chegar às portas do Céu, pois aquela boa luz me dá grande alegria e consolação no meio deste des-campado.

Depois de ter caminhado ainda algum tempo, achou-se diante de uma grande casa, que era um Convento de Frades. Na porta principal brilhava uma grande luz, para guiar os viandantes.

Acercou-se o Manuel, do frade que estava na portaria e perguntou-lhe:

— Aqui é que é o Céu?

— Prouvera a Deus o fosse, meu filho (respondeu o frade). Aqui é um convento de servos do Senhor.

Mas o Manuel, que nunca vira coisa parecida, voltou-lhe:

— Não esteja a negar o que eu sei. Aqui é o Céu, e cá vim dar para o merecer, cavando na Vinha do Senhor. O caminho é duro, e estou com muita fome.

O bom do frade, sem saber o que deveria responder-lhe, foi ter com o Padre guardião e disse-lhe que estava à portaria um rapaz com ar de bom e simples, todo rasgado pelas silvas do caminho que trilhara, mas falando com alegria, teimando em chamar ao Convento as portas do Céu e dizendo que, para o merecer, queria cavar na Vinha do Senhor.

— Mandai-o entrar, lavai-o, e vesti-o, e dai-lhe já de comer. Coitadinho de quem anda por esses caminhos do mundo (respondeu o Superior)!

Assim se fez. E quando já o Manuel tinha comido com far-

O MANUEL TOLO

tura, vieram os frades para o refeitório, sentaram-se em torno da mesa e comeram ervas cozidas e sem tempero. Foram, depois beijar a mão ao Padre Superior.

O Manuel que tudo estivera observando com atenção, foi também beijar a mão do Superior. E logo depois disse, com muito regozijo, para o frade com quem primeiro falara:

— Então o amigo dizia-me que não era aqui o Céu, e foram todos beijar a mão daquele Santo?! Eu bem sabia que era aqui o Céu. Por cá fico. E quero ir cavar a Vinha do Senhor, logo que nasça o dia.

Para o não contrariarem, disse o Padre guardião para os outros frades:

— Amanhã arranjai-lhe uma merendinha e deixai-o ir cavar para a cerca.

Acordou o Manuel Tolo antes de romper o dia. Pegou na sua enxada e foi cavar na cerca do Convento.

Depois de muito cavar, quando viu, pela altura do sol, que era a hora de jantar, largou o trabalho e dirigiu-se para uma capelinha levantada no meio da cerca e lá entrou para descansar e comer. Sobre o altar estava a Imagem, em tamanho natural, do Senhor Santo Cristo pregado na Cruz. Olhou o Manuel para o altar, e vendo aquele grande vulto, disse:

— Companheiro, os frades são santos, mas comem ervas cozidas. E tu estás aí tão magrinho e tão cheio de fome, pregado nessa cruz, e todo o santo dia sem comeres nada. Desce cá para baixo e vem comer do meu farnel.

Inclinou-se lentamente a cruz. Despregaram-se os pés e as mãos do Crucificado. E o Senhor Santo Cristo desceu da cruz

D. ANA DE CASTRO OSÓRIO

e foi sentar-se nos degraus do altar, junto do Manuel. Este comeu tudo, mas imaginou que tinha sido o seu convidado quem mais comera. E disse-lhe assim:

— Estás satisfeito, companheiro. Mas eu é que fiquei com fome! Não faz mal. Logo à noite digo aos frades que me dêem farnel mais avultado para amanhã, pois terá que ser para nós dois. Agora se queres voltar lá para cima, eu te ajudo a levantar a cruz.

E assim fez. Mas quando levantava a cruz sobre o altar disse:

— Hi, quanto pesa esta cruz!

— São os pecados do Mundo (respondeu o Senhor).

Foi o Manuel entregar-se de novo ao trabalho, e continuou a cavar, sem descanso, na cerca, até ao sol-posto. Ao darem as trindades, rezou as Avemarias, e muito alegre voltou para a casa do Convento. Ao entrar no refeitório disse para os frades:

— Ora sempre vocês são uns bons santinhos! Comem as suas ervas bem cozidas, e deixam aquele desgraçado na capela, a morrer de fome! Amanhã dêem-me um farnel de mais sustância, porque ele comeu tudo, e eu fui, desta vez, quem ficou a perder.

Terminada a ceia, disse o Padre Superior:

— Irmãos, amanhã arranjem um farnel farto para o jantar do nosso Manuel. O trabalho de cavar abre o apetite para dois.

De madrugada saiu o Manuel com o seu alforge bem fornecido, e quando chegou à cerca, foi pô-lo na capela, dizendo logo para a Santa Imagem:

— Companheiro, aqui fica o nosso jantar. Hoje é maior,



O MANUEL TOLO

porque eu lá ralhei com os senhores frades, por te terem aqui, preso a tão grande cruz e mortinho de fome.

Depois foi para a cerca, e sem descansar cavou, até à hora do jantar. Dirigiu-se depois para a capela, e logo ao entrar disse:

— Companheiro, vamos a isto, que tu estás, aí, muito magrinho e precisas de comer.

A cruz inclinou-se, descravaram-se pés e mãos e o Senhor desceu e sentou-se ao pé do Manuel Tolo. Era este quem tudo ia comendo. Mas sempre imaginando que era o seu convidado quem mais aproveitava.

— Coitadinho de quem precisa (disse por fim)! Estás tão magrinho que não há comida que te farte! Eu vou cavar, e ainda estou com fome, valha a verdade. Mas tu precisas ainda mais do que eu, que essa cruz é muito pesada. Se queres subir lá para cima, eu te ajudo.

E ao levantar a cruz disse:

— Hoje ainda a tua cruz pesa mais!

— São os pecados do Mundo (respondeu o Senhor).

— São pecados, sim, mas dos senhores frades, que não sabem avaliar a força de que precisa quem carrega com tão pesada cruz, e te matam à fome!

À noitinha, ao tornar ao Convento, fez o Manuel Tolo uma grande pregação aos frades, porque deixavam aquele bom homem da cruz a morrer de pura fome. E tanta, que lhe comia, ele, todo o seu farnel.

Os frades cearam as suas ervas cozidas e sem tempero, e depois, quando foram beijar a mão ao Superior, mandou este que

D. ANA DE CASTRO OSÓRIO

beijassem também a mão do Manuel. Ele, porém, fugia-lhes com a mão, ralhando:

— Eu não sou Santo, como aquele velhinho! E só quero que me dêem que chegue para mim e para aquele santo homem que mal pode com tão grande cruz.

Na manhã seguinte o Manuel Tolo foi para o trabalho com o farnel dobrado.

Antes da hora do meio-dia mandou o Superior que fossem dois frades vigiar a capela, sem que pudesse o Manuel dar fé da sua presença. E ordenou-lhes que vissem bem tudo o que se passava na capela, para se conhecer a verdade que as palavras do Manuel não explicavam.

Quando chegaram ao campo, já quase todo cavado, logo disseram os frades, um para o outro:

— Grande milagre é já este! Um homem sozinho fazer uma tarefa que era para muitos trabalhadores!

Escondidos atrás da capela, viram o Manuel, á hora do jantar, dirigir-se para lá, e, vigiando por uma fresta, logo na entrada o ouviram convidar o Senhor a descer da cruz para compartilhar a comida:

— Companheiro, hoje temos um farnel mais avultado, que eu lá reclamei dos senhores frades. Pobre companheiro, se não fosse eu tinham-te mortinho de fome!

Então os frades, com santo alvoroço, viram a cruz inclinar-se lentamente, e o Senhor descer da Cruz, indo sentar-se junto do Manuel Tolo, que lhe falava com muita confiança:

— Come. Enche a barriga, que hoje temos aqui muito de comer!

Comia ele tudo, mas ficava na crença de que era o Senhor



O MANUEL TOLO

quem aproveitava para comer melhor. No fim do jantar, disse para o Senhor:

— Agora, se queres voltar lá para cima, eu te ajudo a levantar a cruz.

E foi erguendo, com esforço, a cruz, onde já o Senhor Santo Cristo ficara de mãos e pés cravados e em sangue:

— Hi, que pesada está! Cada dia pesa mais este madeiro!

— São os pecados do Mundo (respondeu o Senhor).

Voltou o Manuel para o campo e poz-se de novo a cavar. Os frades rindo e chorando, correram ao Convento, a dizerem que tinham um Santo na comunidade.

À noite, quando o Manuel Tolo vinha do trabalho, foram-no todos receber, em procissão, com a cruz alçada. E o Superior foi o primeiro a beijar-lhe a mão.

— Levantem-se, e não me beijem a mão (dizia o simples, muito aflito), que eu não sou Santo! O que quero é que me dêem bastante de comer para aquele meu companheiro, que está mortinho de fome e tem de carregar dia e noite com uma cruz tão pesada.

Disse-lhe, então, o Padre Superior:

— Manuel, tu sabes mais do que nós todos. Terás o que desejas. E, em paga, eu só te quero pedir uma coisa muito grande. Peço-te para convidares o teu Companheiro a vir cear connosco, no refeitório.

— Pois esse pedido faço eu com muito gosto. Mas tenham cá bastante de comer. Olhem que ele, dos farnéis do jantar que me têm dado, come tudo, e eu fico sempre com fome!

Na manhã seguinte dirigiu-se logo à capèla e fez o convite em nome do Padre guardião e de todos os frades.

D. ANA DE CASTRO OSÓRIO

Respondeu-lhe o Senhor:

— Sim, irei. Eles que façam penitência. E tu, passados oito dias, vem cá buscar-me. E lá me terão no Convento, para a Ceia que todos esperam.

Por toda a tarde o Manuel continuou a trabalhar no campo. À noitinha, regressando ao Convento, disse, muito simplesmente, a resposta do Senhor. E todos entraram em penitência. Mandou, porém, o Superior que dois deles, que todos consideravam mais livres de culpas, saíssem a pedir esmolas de comida, para poderem ter um banquete digno do Senhor. Ao partirem, lembrou o mais velho:

— Irmão, levemos os preparos para dar os sacramentos, porque podem encontrar-se, por esses caminhos, almas desgarradas e em perigo.

Ora a mãe e a tia do Manuel Tolo, como o não vissem regressar a casa, ficaram muito aflitas e não faziam senão lamentar a imprudência de o terem deixado partir sozinho, tão simples e sem defesa, por esses maus caminhos do mundo.

Até que um dia a viúva disse:

— Mana, eu já não posso mais! Vou pôr-me a caminho, a ver se consigo saber novas do meu pobre filho.

— Pois se a mana vai, eu a acompanho. Que bastante me pesa tê-la aconselhado a deixá-lo partir.

Puseram-se a caminho, e durante muitos dias foram andando, ao acaso. Já iam muito longe e estavam muito cansadas. Mas por mais que perguntassem, ninguém lhes dava notícias do Manuel.

Cheias de fome e sede, e com os fatos já rotos de tanto andarem por caminhos do mundo, entraram um dia num descam-

O MANUEL TOLO

pado muito grande. Foram andando, andando, até que chegaram junto duma choupana. E disse a viúva.

— Mana, eu fico nesta choupana, porque já não posso andar mais.

— Pois eu (disse a irmã solteira), vou mais adiante, a ver se encontro abrigo para mim. A mana perguntará aqui notícias do nosso Manuel, a quem passar. E eu, lá, farei o mesmo.

Foi andando. E mais adiante encontrou outra cabana, onde se abrigou.

E ali ficaram as duas a viver naquele deserto, sem notícias uma da outra.

No dia seguinte a viúva, ao sair do seu pobre abrigo, viu, perto dele, um ribeirão.

— Ai, graças a Deus, já posso matar a sede que trazia (disse consigo mesma).

Quando chegou junto da água corrente, viu uma casca de pêsego a boiar. Encontrou logo uma varinha e, pôde puxar a casca de pêsego, e comê-la. E ficou farta e consolada, mais do que se houvera comido um bom jantar.

Assim esteve três dias, rezando e pedindo por todos, até que, sentindo-se mais forte, disse para consigo:

— Aqui não passa ninguém que me dê notícias do meu rico filho. Deixa-me ir mais adiante, saber se a minha irmã foi mais feliz.

E seguiu caminho, até que chegou à choupana em que a irmã conseguira abrigo. Quando a viu perguntou-lhe:

— Mana, passou alguém que desse notícias do nosso Manuel?

D. ANA DE CASTRO OSÓRIO

— Não, mana, há tantos dias e ainda não passou ninguém por aqui.

— E o que tem sido o teu sustento durante estes dias?

— Um pêsego que todos os dias tem aparecido naquela árvorezinha junto do ribeiro que, por graça de Deus, corre aqui ao lado. Como o fruto, e a casca deito-a ao ribeiro. Não fico farta. Mas assim me tenho sustentado. E tu, mana, o que tens comido?

— Tenho comido essa casca de pêsego, que para mim o ribeirinho tem levado. E com ela fico fartinha, que é mesmo a graça de Deus.

A irmã solteira era boa e piedosa, mas não pôde vencer a inveja da santidade alheia, e pensou:

— Então a minha irmã, sendo viúva, é mais santa do que eu, que sou solteira?! Como um pêsego e não fico farta, e ela com a casca do pêsego se contenta! Deus não é justo e não paga bem a virtude, ou que pecados tenho eu?

A viúva tornou para a sua cabana, e ela ficou onde estava, continuando as suas rezas.

No dia seguinte voltou a aparecer o pêsego na árvore, e ela comeu o fruto, mas em vez de deitar a casca nas águas do ribeirinho, enterrou-a, para que a irmã não pudesse mostrar ser mais santa do que ela. E o mesmo fez nos dias seguintes.

A viúva, não vendo mais descer no ribeirinho a casca de pêsego, pensou, sem mesmo se lembrar da sua miséria:

— Olha a minha querida irmã, que fome terá passado, coitadinha! Se a casca de fruto não aparece no ribeiro é que não tem tido ela nem o fruto para comer.



Passados três dias também a irmã solteira não viu mais a árvore nem o ribeirão. E o seu corpo encheu-se de feridas.

Ora os dois frades que saíram a pedir esmola para poderem receber condignamente o Senhor, atravessaram o descampado onde estavam as duas choupanas. Ao passarem junto daquela em que se abrigava a viúva, disse o mais velho dos dois frades para o outro:

— Irmão, aguardai um momento, que naquela choupana vejo alguém que me está a chamar.

Quando chegou à porta da choupana, viu a pobre viúva, quase a morrer, que, de mãos postas, lhe pedia que a confessasse e lhe desse os sacramentos. Ele assim fez. Mas ao voltar para junto do companheiro, notou, com surpresa, que ele estava a sorrir-se, muito alegre. E ralhou com ele por estar assim risonho diante da morte.

— Ai, meu Irmão (disse o frade mais novo), quem poderia deixar de alegrar-se, vendo uma alma santa, pronta a subir para Deus? Eu vi Nossa Senhora junto da moribunda, por-lhe a toalha e dar-lhe água por um copo de ouro.

— Louvado seja Deus, Nosso Senhor (disse o outro que era considerado um Santo).

E pensou cheio de contentamento:

— O meu companheiro está na graça de Deus.

Andaram para diante e avistaram a cabana onde estava a irmã solteira. Também ela, quase a morrer, lhes acenou, e pediu que a ouvissem de confissão.

Depois de ouvir os seus pecados o frade a absolveu e sacramentou, lamentando muito que a sua alma estivesse tão man-

D. ANA DE CASTRO OSÓRIO

chada com o mal de inveja, pior que todas as feridas que lhes tinham aparecido.

Puseram-se os dois frades ao caminho, depois de terem deixado pão e água às duas irmãs e de lhes terem prometido que na volta passariam por ali, esperando encontrá-las ainda vivas, para as levarem ao Convento, onde teriam quem delas cuidasse melhor, na última hora.

Com grande espanto vira o frade confessor que também o seu companheiro se alegrara e sorria quando ele estava a dar os sacramentos à pobre pecadora. Mas, sem querer julgá-lo já, disse apenas:

— Irmão, porque vos estáveis a rir?

— Primeiro me afligi (respondeu o frade mais novo), por ter visto o diabo rondar perto daquela alma. Mas depois ouvi um sussurro de oração. E vi também o diabo a torcer-se, raivoso. E pensei que Deus, na sua infinita bondade, também quis salvar aquela alma, que foi tentada gravemente, mas é boa.

Seguiram os dois frades o seu caminho até às vilas e castelos próximos, e feito o peditório voltaram para o convento, mas enganaram-se no caminho andado, e não souberam encontrar as choupanas onde tinham ficado as pobres mulheres.

Quando chegaram ao Convento levavam comida abundante, de esmolas, para receberem condignamente o Senhor.

Disse, então o Padre Superior ao Manuel Tolo:

— Agora, Manuel, que já todos fizemos penitência e já temos comida bastante para a ceia, podes ir buscar o Senhor, para vir ao Convento, como te prometeu.

O MANUEL TOLO

Foi logo o Manuel à capelinha e disse:

— Companheiro, os frades já estão preparados para te receberem, e então vem daí comigo.

O Senhor desceu da cruz e poz-se a caminho ao lado do pobre simples.

Ao chegarem ao Convento, vieram os frades recebê-los e ajoelhados beijaram os pés feridos do Senhor.

E o Senhor, abrindo os braços, abençoou-os a todos.

Nisto abriu-se, num clarão, o Céu. E vieram Anjos do Céu buscar os Frades para a ceia que tinham merecido. Mas quando queriam também levar o Manuel este voltou-se para o Senhor e disse:

— Sim eu vou para o Céu, que já cavei a Vossa Vinha. Mas não posso deixar cá ficar a minha boa mãe e a minha tia, que é solteira e santa.

— Santa é a tua mãe, mas, por seus rogos perdoei à tua tia o mal de inveja da santidade alheia, que foi o seu grande pecado.

A minha Bendita Mãe já as foi buscar, e estão esperando por ti no Céu.

Então o Manuel viu Nossa Senhora, entre um coro de Anjos, receber as duas almas. E ajoelhou-se a beijar os pés do Crucificado.

E todos se salvaram, e subiram ao Céu, por o Manuel Tolo ter querido cavar na Vinha do Senhor.

O CASAMENTO E A MORTALHA
NO CÉU SE TALHA



Havia, numa cidade antiga, um rico e soberbo Mercador que era casado e não tinha filhos. Ele e a mulher sofriam com isto o maior desgosto, mas nunca perdiam a esperança do bem que tanto desejavam.

Defronte deles vivia um pobre sapateiro, também casado, e que tinha igual desgosto de não ter filho ou filha a quem amasse como um bom homem ama sempre os filhos.

Um dia, era muito cedo, ainda a madrugada lá vinha em casa de Deus Verdadeiro, já o artista e a mulher estavam tratando da sua vida, ele sentado na sua tripeça, ela atarefada no amanho da casa.

Nisto, um velho mendigo passou e foi bater à porta do rico Mercador a pedir esmola, mas os criados responderam de má vontade, dizendo que ainda os senhores estavam na cama, e que naquela casa não se dava esmola a vadios.

Com as lágrimas nos olhos, foi o homem pedir ao sapateiro alguma coisa para quebrar o jejum de dois dias. Ele e a mulher,

D. ANA DE CASTRO OSÓRIO

com muita pena do mísero pedinte, com ele repartiram do que tinham para o seu almoço.

Já saciado e satisfeito, disse o pobre para a mulher do sapateiro:

Vocemecê desejava ter um filho?!

— Ora, se desejava! Não o termos é a única tristeza da nossa vida de casados.

— Pois bem, em breve virá um rapazinho para a sua casa. E ao mesmo tempo irá ali para o seu vizinho Mercador uma menina. E os dois hão-de casar, quer os pais queiram, quer não.

Seguiu o pobre pedinte o seu caminho, e o sapateiro e a mulher ficaram, é claro, a rir-se das suas palavras, sem acreditarem no que ele dissera.

Passado tempo viu a mulher do sapateiro que eram certas as palavras do pobre pedinte, quanto ao próximo nascimento de um filho.

Intrigada, foi a casa do Mercador saber se também por lá aparecera anúncio do caso previsto por aquele pobre de Deus. Com grande espanto, tanto seu como da senhora do Mercador, também ali se anunciava o nascimento de um filho.

Perguntou-lhe a Mercadora quem a prevenira, e a pobre mulher não queria contar, temendo ser indiscreta, mas a outra tanto insistiu que, por fim, ela tudo contou.

A rica Mercadora não ficou nada satisfeita com a ideia de que teria uma filha destinada a ser esposa do filho de um reles sapateiro, mas não o deu a conhecer à pobre, que se despediu para ir contar ao marido o que se passara.

O mesmo fez a Mercadora, narrando ao marido o que sou-

O CASAMENTO E A MORTALHA NO CÉU SE TALHA

bera pela vizinha, e queixando-se da má sorte que já perseguia a filha, ainda antes de nascer.

— Deixa, mulher, não te apoquentes (respondeu-lhe o marido). Nós somos ricos, a nossa filha há-de ser rica, e quem tem dinheiro tudo vence.

O caso esqueceu, e as duas crianças vieram ao mundo, entre alegrias, pois se, na sua riqueza, o Mercador festejou brilhantemente o nascimento da menina, o sapateiro, na sua modéstia, não lhe ficou atrás em satisfação com o nascimento do filho.

Nem numa casa nem noutra se pensou mais na profecia do mendigo. As crianças iam-se criando e crescendo lindamente. E ninguém se lembrava já das palavras do pobre, tão grande era a alegria e o orgulho dos pais, cada um na sua classe.

Já as criancinhas tinham três anos, andava um dia o pequeno do sapateiro a brincar na rua, quando passou um homem bem vestido e alegre que lhe deu bolos e prometeu brinquedos. Tornando-se logo bons amigos, deu o homem a mão à criança, levou-a, e nunca mais houve sinal dum nem do outro.

Os pais choravam, dia e noite, sem consolação, procurando inútilmente por toda a cidade e por todos os caminhos dos arredores, mas ninguém lhes dava notícia de tal coisa. Até parecia que se tinha aberto o chão e sorvido os dois. Muitas vezes, assentados à lareira, tristes e acabrunhados, diziam os pobres pais: Onde estará o nosso filho? Quem o terá levado?

— Ninguém me tira da cabeça que foi coisa do vizinho (dizia a mulher).

— Não digas isso! Eles também têm uma filha e não queriam, de certo, causar tal desgosto a uns pobres pais!

— Pois sim, mas tu não sabes a profecia do velho pobre? E eles não a esqueceram. De soberbos e rancorosos nunca me deixaram ver a criancinha; nem a pobre pequena tem licença de chegar às janelas que dão aqui para a nossa rua!...

— Deixa-os lá. Assim Deus nos deparasse com o nosso filho!

Ora a mulher do sapateiro tinha razão, pois o roubo da criança fora feito por ordem do orgulhoso ricaço, que assim queria furtar a sua herdeira ao destino adverso.

Raptado e escondido o pequeno, chamou o Mercador um criado que tinha ao seu serviço e entregou-lho, dizendo que o levasse para bem longe, e por esse pequeno serviço lhe daria muito dinheiro. O homem, que era ambicioso, aceitou, pensando que nada lhe custaria desembaraçar-se duma criança tão pequena. Pegou nela ao colo e levou-a para a floresta, mas, quando ia no caminho, já o seu coração se sentia confrangido, pois o pequeno era muito meigo e acariciava-o como a um velho e bom amigo.

Foi mais forte, porém, o desejo de adquirir fortuna do que a piedade. Levando-o para o mais embrenhado da floresta, deu de comer ao menino, deixou-o adormecer, e depois fugiu, abandonando-o à sua sorte.

A criança dormia tão confiada e sossegadamente como se estivesse na sua caminha, sob o olhar vigilante da mãe, e só acordou, sobressaltada, já o sol ia alto, porque muitos cães a rodeavam, ladrando e latindo desesperadamente. O pequeno, muito assustado, desatou a chorar. Mas em breve apareceram, em alegre cavalgada, muitos fidálgos e uma formosa amazona que andavam perseguindo um grande veado, em luzida montaria.

Ouvindo os cães, supunham encontrar a presa meia morta pela matilha, e ficaram muito surpresos quando depararam com



O CASAMENTO E A MORTALHA NO CÉU SE TALHA

o pobre abandonado, e com os animais em torno dele sem lhe fazerem mal.

A bela amazona, que era uma Condessa, senhora de muitos domínios e castelos, mandou buscar a criança e ameigou-a muito comovida. De acordo com o marido, levaram-na para o palácio, onde foi entregue aos cuidados de uma aia e tratada em pé de igualdade com os próprios filhos dos seus salvadores.

Criado e educado como um fidalgo, nada havia que ele não aprendesse com a maior facilidade. Um dos filhos do Conde, alguns anos mais velho, despeitado por ver quanto a sua inteligência era inferior à dele, desesperou-se, um dia, e chamou-lhe engeitado. Mal ouviu isto, foi ter com a Condessa e, cheio de justa indignação, perguntou se era verdade o que lhe dissera o irmão.

A Condessa, que muito o estimava, ficou desgostosa com o procedimento do filho. Mas não quis mentir. E contou o que se passara, mostrando-lhe a roupinha que ele trazia quando o haviam encontrado na floresta, e dando-lha como recordação. Não foi preciso mais nada para o rapazinho se determinar a sair da casa hospitaleira que como filho o recebera, dizendo querer ir procurar os seus verdadeiros pais. Despediu-se, com lágrimas afectuosas, de todos; agradeceu aos pais adoptivos o que por ele tinham feito, e pôs-se a caminho.

Foi andando, pedindo alimento e pedindo trabalho, até que chegou à cidade onde os seus verdadeiros pais ainda viviam, cheios de dor por o terem perdido. Por acaso entrou numa loja para pedir alguma coisa, mas viu os negociantes e os caixeiros tão atrapalhados com as contas, que ficou de lado, esperando que o pudessem atender. Por fim, como o caso era complicado e não

D. ANA DE CASTRO OSÓRIO

os via capazes de o entenderem, adiantou-se, pediu licença ao dono do estabelecimento, e em poucos momentos resolveu o que tanto os apoquentava. O Negociante ficou tão satisfeito que logo lhe pediu para ficar como primeiro caixeiro na sua casa.

Ficou, e parece que com ele veio a fortuna, pois a loja cresceu e se desenvolveu de forma que dentro em pouco o dono estava riquíssimo. Mas quando falava em pagar ordenado, o rapaz zangava-se e dizia-lhe que estava muito bem e de nada precisava ali. Enfim, em casa do Negociante e por toda a cidade não havia quem não estimasse o rapazinho, que era, além de tudo, muito elegante e bonito.

Um dia, o patrão, dando o balanço, e vendo o seu lucro desde que lá tinha o caixeiro novo, entendeu que devia pagar de algum modo o seu interesse, e às escondidas lhe comprou uma casa em seu nome, e pôs nela uma boa loja. Quando tudo estava pronto, levou-o lá e entregou-lha, já fornecida e com os caixeiros ao balcão e bastante dinheiro no cofre.

O rapaz estava satisfeitíssimo, é claro, e não se cansava de agradecer ao antigo patrão.

E toda a cidade aplaudiu este acto do bom Mercador.

Por acaso ou força do destino, a loja do jovem Mercador era mesmo em frente da grande casa do outro, rico e maldoso, que outrora o mandara raptar e abandonar bem longe, indifferente à sua morte ou desgraça e à dor dos pais.

Crescera a filha deste soberbo, fizera-se uma linda menina, a mais formosa da cidade.

Em breve os dois se viram e se começaram a estimar, com viva alegria dos pais dela, que viam uma boa fortuna para a filha no casamento com o feliz e novo Mercador. Mas ele é que

O CASAMENTO E A MORTALHA NO CÉU SE TALHA

estava muito apoquentado, porque, ainda que quisesse, não sabia o nome com que se havia de apresentar como noivo duma tão distinta e galante senhora.

Na mesma rua, já se vê, viviam o sapateiro e a mulher. O rapaz, sem saber porquê, simpatizava tanto com os velhotes, que via sempre tristes e acabrunhados, que nem lhes consentia que pagassem as suas compras.

Enfim, as coisas seguiram o seu caminho e acabou por combinar-se o casamento do rapaz com a noiva que desde o princípio lhe fora destinada. Quando isto constou pela vizinhança, o sapateiro e a mulher choraram muito, pensando que o seu filho é que deveria ser o noivo daquela menina, segundo lhes vaticinara o velho mendigo. Afinal o seu filho desaparecera (quem sabe mesmo se morrera?) e a menina ia casar com outro!...

Foi tal o desgosto que resolveram tomar luto, e o velho foi à loja do moço e feliz Negociante comprar roupa preta para si e para a mulher.

Movido por oculta simpatia, recomendou o novo Mercador ao seu primeiro caixeiro que perguntasse ao sapateiro quem lhes morrera, pois os queria socorrer.

— Não nos morreu ninguém agora (disse o velho, entre lágrimas), mas choramos hoje a morte do nosso filho, que era quem estava destinado a casar com a noiva do seu patrão.

Marcou-se o dia do casamento, e o riquíssimo Negociante fez uma grande festa. Convidou tudo quanto havia de mais importante na cidade, e todos à uma diziam que nunca na verdade se vira um tão lindo par, pois parecia mesmo terem os noivos nascido um para o outro.

D. ANA DE CASTRO OSÓRIO

Só o pobre sapateiro e a mulher, vestidos de luto, choravam a bom chorar, cada vez mais inconsoláveis.

Quando voltaram da Igreja e se sentavam à mesa do banquete, disse o Mercador para a mulher, esfregando as mãos:

— Então, não te disse eu que nós desfaríamos o que estava talhado no Céu?!...

O rapaz, deveras intrigado, perguntou o que queria ele dizer com isso. E então lhe explicaram o sentido das palavras, mas, já se vê, encobrindo que tinham sido eles os que haviam ordenado o seu roubo.

Mas o noivo, muito preocupado, pediu licença para se levantar, e indo a casa do sapateiro pediu que lhe contassem a história do seu filho. Ouvindo tudo quanto os dois podiam dizer, entre soluços, convenceu-se de que eram eles os seus verdadeiros pais. Perguntando-lhes como estava vestida a criança quando fora roubada, viu que diziam perfeitamente os sinais com o fatinho que a Condessa lhe entregara. Deu-se então a conhecer, e, levando-os imediatamente ao palácio do rico Mercador, diante de todos contou o que se passara, perguntando se, assim como era, filho dum humilde sapateiro, convinha ainda à sua formosa e opulenta noiva.

Foi ela, que era muito boa de coração, e adorava o seu noivo, a primeira a dizer que sim, apoiada por todos os convidados. O Mercador e a mulher, quase mortos de vergonha, pediram perdão aos velhos vizinhos, que de bom grado os receberam nos braços.

Mandaram eles próprios gravar sobre a porta da sua casa: «O casamento e a mortalha no céu se talha», e juraram nunca mais serem ambiciosos, soberbos e maus.



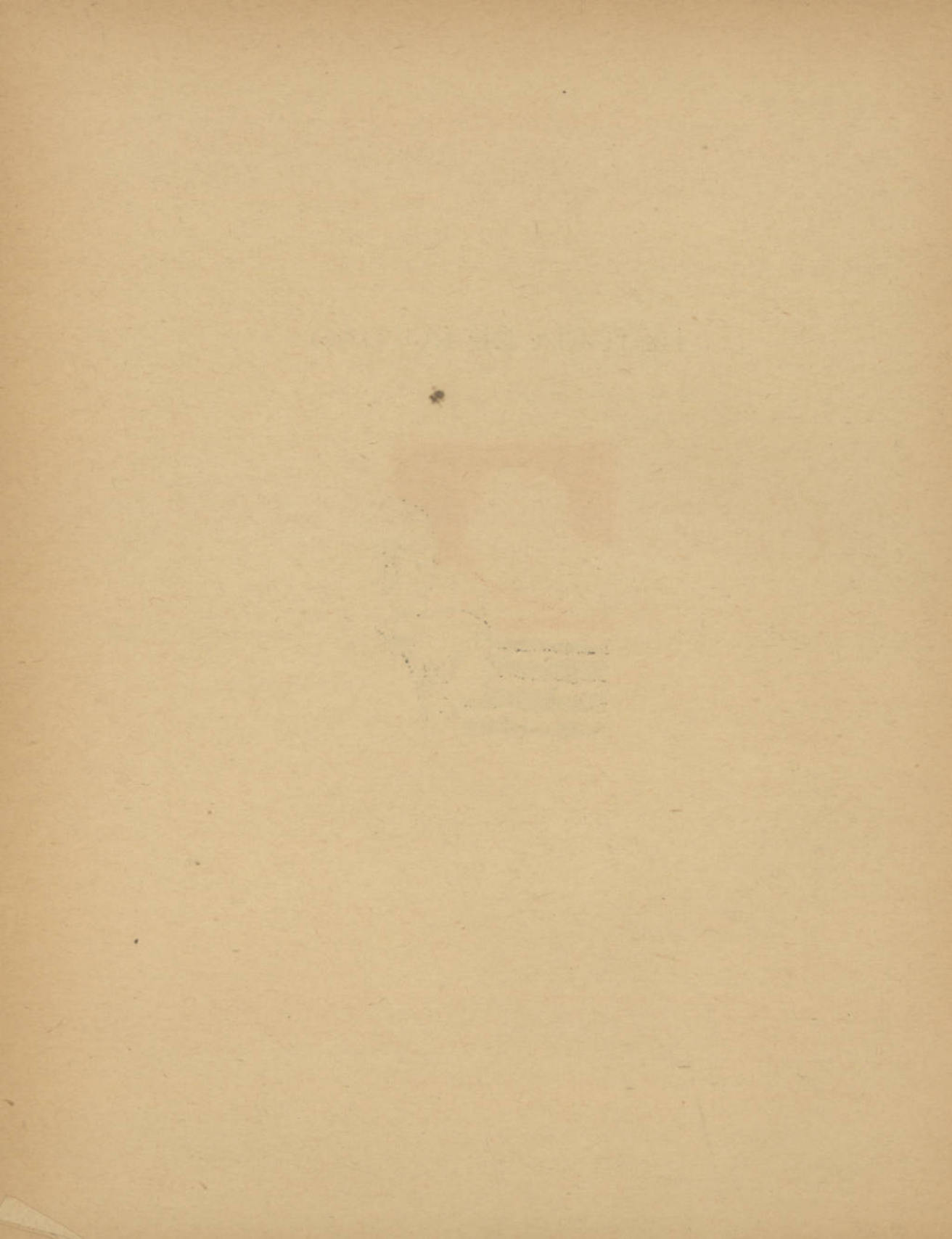
O CASAMENTO E A MORTALHA NO CÉU SE TALHA

O rapaz foi depois com a noiva visitar os seus primeiros protectores, aos quais contou toda a sua história. Foi recebido com a alvoroçada alegria com que receberiam um verdadeiro filho há muito ausente, e mais uma vez reconheceu, com satisfação, que era sinceramente estimado na família dos Condes. Até o irmão, que outrora o desrespeitara, o apertou nos seus braços, pedindo-lhe desculpa do mal que lhe fizera com a sua leviandade. Mas ele não quis ouvir-lhe desculpas. E, antes, muito lhe agradecia, pois que, só por saber-se engeitado, pudera seguir os caminhos da sorte, encontrar quem devia ser sua mulher e encher de felicidades os seus velhos pais. E o mesmo reconhecimento mostrava a sua noiva.

Bondosos e justos, ele que buscara a verdade, sem se importar com grandezas que não lhe pertenciam, e ela, que soubera abrir o coração ao amor que no Céu lhe fora destinado, puderam, assim, juntamente, ser tão felizes quanto o mundo o permite.

HISTÓRIA DE ROLDÃO







O Imperador Carlos Magno tinha uma irmã de quem muito gostava, e que sempre tivera por muito dócil e obediente ao seu querer absoluto.

Ora a Princesa, que (esquecia dizer) era uma formosura, começou a gostar muito do Duque de Milão, e pensou em pedir licença ao Imperador para consentir no seu casamento. Mas o irmão, que a destinava a personagem de mais alta jerarquia, quando tal soube ficou tão irado que a pobre Senhora nada lhe pediu, continuando, no entanto, a gostar em segredo do jovem Cavaleiro, que era dos mais gentis e corajosos do seu tempo.

O Imperador, que tinha espões por toda a parte, e muito especialmente na Corte, soube o que se passava e encolerizou-se a ponto de dar ordem para que a Princesa fosse presa e metida numa torre, com proibição de falar fosse a quem fosse.

E assim esteve muito tempo, sem que sequer o Duque de Milão soubesse onde ela parava. Por mais voltas que desse, só veio a conhecer o paradeiro da Menina quando a Aia dela o viu e por sinais lhe indicou o seu destino.

Encheu-se de raiva contra a violência do seu cruel Senhor

D. ANA DE CASTRO OSÓRIO

e jurou, pela cruz da sua espada, que libertaria a Princesa e seria seu esposo.

Combinou com uma Dama, que conhecia por fiel amiga da infeliz Menina, e, vestindo-se com riquíssimos trajos de senhora, conseguiu entrar na torre, sem que nem por sombras os guardas desconfiassem que era um homem e não uma Dama que vinha visitar a prisioneira.

A Princesa, que se julgava abandonada por todos, ficou satisfeitíssima quando o viu, e, depois de ouvir o que lhe contou, resolveu que se faria o casamento ali mesmo, na capela da prisão, sem que ninguém o soubesse além da sua Aia fiel e do bom Padre velhinho, que era o seu confessor desde pequenina. O que logo se fez, sem que ninguém o pressentisse, nem mesmo os próprios guardas.

Sabendo o Imperador que a irmã continuava a gostar do Duque de Milão, recusando-se terminantemente a aceitar os Príncipes herdeiros de grandes coroas que ele lhe mandava propor para maridos, resolveu-se ir ele próprio convencê-la.

Foi. Mas a Princesa, apesar do seu respeito, respondeu-lhe que não insistisse, pois o Duque era já seu marido à face de Deus.

O Imperador ficou tão desesperado que lhe disse:

— Pois bem, já que tão cruelmente ofendeste a minha autoridade de Soberano e zombaste do meu affecto de irmão, serás condenada à morte, como traidora. Prepara-te, que amanhã serás levada ao Tribunal e os Juizes te julgarão como mereces.

E saiu, sem querer ouvir mais razões nem desculpas.

O Duque de Milão, prevenido do que se passava, combinou com um seu amigo verdadeiro e leal, vestirem as armaduras

HISTÓRIA DE ROLDÃO

negras de combate, e, a cavalo, irem bater à porta da torre, dizendo, com arrogância, que iam de ordem do Imperador, para acompanharem a irmã que ali estava prisioneira. Os guardas acreditaram, pois já estavam avisados de que a iriam buscar para comparecer no Tribunal, logo de madrugada.

A própria Princesa, não reconhecendo o marido sob aquele disfarce, e sabendo que ia ser levada à ordem do Imperador, caiu para o lado com os sentidos perdidos. Foi o que eles quiseram, pois, embrulhando-a numa capa, assim mesmo em braços a levaram. O Duque montou a cavalo, levando-a diante, e, despedindo-se do amigo com palavras de reconhecimento, partiu a galope, sem bem saber para onde, pois o seu fito era sair da Corte para o mais longe que pudesse.

Quando a Princesa veio a si e reconheceu o marido, ficou sossegada e de bom grado se deixou levar.

Andaram toda a noite e, quando alvoreceu o dia, encontraram-se num triste descampado. O Duque apeou-se então, e, sentando a Princesa numa pedra, contou-lhe o que tinha feito para a salvar da morte, mas não lhe ocultou o embaraço em que estava para procurar um país onde se pudessem acolher, pois grande era o poder do Imperador, e ninguém ousaria protegê-los contra a sua cólera.

— Fiquemos aqui (disse a Princesa), que talvez os animais bravios tenham de nós mais piedade do que tiveram os homens. As árvores silvestres nos darão os seus frutos, a sua sombra e a sua companhia.

— Pois seja assim (respondeu o Duque de Milão). E um dia virá, talvez, em que possamos ser mais felizes.

D. ANA DE CASTRO OSÓRIO

Procurando por aqueles penhascos, encontrou uma gruta onde acomodou a senhora o melhor que pôde. No bosque vizinho encontrou boa erva macia que trouxe para lhe fazer cama, e lenha com que acendeu uma fogueira para se aquecerem.

Ninguém diria que estavam ali os fugitivos, tão escondida era a gruta e tão deserto aquele sítio. Assim, os soldados, guardas e cavaleiros do Imperador, que por toda a parte os procuravam com todo o afã, passaram e voltaram sem os descobrir.

Ali viveram um ano, tendo no fim nascido um menino, muito forte e bonito, a quem seu pai, o Duque, chamou Roldão, ou Rolando, por o encontrar caído no chão quando um dia voltava da caça. Este veio a ser Par de França e um grande Cavaleiro, conhecido em todo o Mundo por seu valor, destreza e aventuras extraordinárias.

Quando a criança tinha sete anos e começava a mostrar em tudo a sua vivacidade e inteligência, já acompanhando o Pai nos seus trabalhos e na caça, ajudando a mãe nos serviços caseiros, e aprendendo com ambos todas as prendas dum verdadeiro e nobre Cavaleiro, começaram os Pais a pensar no seu futuro e resolveram sair daquele deserto e levá-lo para a Cidade, para melhor o poderem educar.

Com tanto ano passado, já todos se teriam esquecido dos infelizes esposos e poderiam, descansados, viver do seu trabalho.

Partiram assim, de regresso ao mundo, o Duque de Milão e a Princesa, com o seu filho.

O caminho para a cidade era cortado por um grande braço de mar onde as águas iam crescidas. Sem temer as vagas, deitou-se o Duque a nado, levando a Princesa, e conseguiu passá-la para a outra margem.

HISTÓRIA DE ROLDÃO

Voltou depois a deitar-se a nado para ir buscar o filho. Mas veio uma onda mais forte, que, enrodilhado, o levou. E nunca mais apareceu.

Dum lado a mãe gritava, chamando o marido, que vira levado nas ondas, e o filho; e do outro a criança chorava, vendo-se sòzinho e assistindo a tão grande desgraça sem lhe poder valer.

Mas o pequeno Roldão era corajoso, e mostrou logo o seu valor. Passado um momento, disse à mãe que não se afligisse por sua causa, e esperasse um pouco. E deitando-se à água, conseguiu nadar até à outra margem.

Choraram muito, abraçados um ao outro, e durante horas e horas ali se conservaram, na esperança de ainda verem o Duque, mas como tal não sucedia, porque para sempre o mar o tinha roubado, disse o pequeno para a Mãe:

— Vamos para diante, que nada aqui fazemos. O meu pobre Pai desapareceu, para nunca mais voltar, e nenhum remédio já lhe daremos.

— Ai de mim! (gemeu a Princesa) sem o seu braço valoroso, sem o seu conselho, e sem a sua bondade e affecto, o que será de nós por esse Mundo de Cristo, onde não há senão maldade e hipocrisia?! Meu pobre filho, mais nos valera morrer com ele ao atravessar esse mar cruel.

— Venha comigo e verá como eu substituo o meu Pai, não a deixando morrer à míngua.

Foram andando em direcção à cidade onde estava a Corte. Quando estavam perto depararam com uma casa desabitada, à beira do caminho. O pequeno empurrou a porta e fez entrar a

D. ANA DE CASTRO OSÓRIO

Mãe, como se fosse o dono e soubesse que era esperado. Ali se alojaram. E no dia seguinte, o pequeno Roldão preveniu a Mãe de que iria procurar alimento e fato, dizendo-lhe que não ficasse em cuidado, pois nada lhe sucederia de que não ficasse vencedor.

Pegou num pau, que seu Pai lhe arranajara, na floresta, e afeiçoara ao seu jeito, dirigindo-se para a Cidade.

Logo à entrada, encontrou um bando de rapazes que iam para a escola, e perguntou-lhes se queriam brincar com ele, pois sabia muito bem caçar e batalhar.

Os pequenos, surpreendidos e curiosos de o verem coberto de peles, pois outro fato não tinha, perguntaram-lhe quem era, donde vinha, e como se chamava. A essas perguntas respondeu, com altivez: que era o *Matador de Bichos!* Acharam-lhe graça e ficaram logo bons amigos, e à sua ordem se organizaram em dois campos como se estivessem em torneio ou combate.

Mas Roldão era destemido e forte. O seu bando levava tudo sempre de vencida. Por fim ficaram todos amigos, e os rapazes deram das suas merendas ao novo companheiro e foram pedir às mães para lhes cederem alguma roupa com que Rolando se cobrisse decentemente.

Quando voltou para casa, onde ficara a Princesa, era quase noite e já ela estava debulhada em lágrimas, cuidando ter perdido o filho como perdera o marido. Abraçou-a o pequeno, com muito regozijo, e contou-lhe tudo quanto se passara, dizendo maravilhas da opulenta Cidade em que se encontravam.

— Mas que Cidade é, afinal, esta em que nós estamos, filho?

— É a capital do Império de Carlos Magno, que é esperado por estes dias de volta de uma grande guerra.



HISTÓRIA DE ROLDÃO

— Ai, meu Deus, o que será de nós?!... Não vás nunca ao palácio imperial, meu filho!

— E o que havia de lá ir fazer, minha mãe? (perguntou o pequeno, que não sabia a história de seus Pais).

A Princesa nada lhe contou. Mas sempre que ele ia procurar comida recomendava-lhe que não fosse ao palácio do Imperador, o que ele prometia e cumpria.

Mas um dia em que não tinha nada para levar à sua pobre mãe e no palácio havia uma grande festa, entrou por ali dentro e chegando à mesa do Monarca pegou numa travessa de assado e levou-a. Foi tal o espanto que esse atrevimento causou, que ninguém pôde dizer nada, nem o próprio Soberano.

Quando a Princesa viu a travessa de prata lavrada onde vinha a iguaria, reconheceu-a logo, e disse na maior apoquentação:

— Filho, tu foste ao palácio Imperial!? Quem te deu esta rica travessa?

— Fui buscá-la onde a encontrei e onde havia muito que comer, enquanto nós morremos de fome.

A desditosa Senhora, aterrada, fez-lhe prometer que não mais faria tal, pois se arriscava a ser preso e enforcado como roubador.

Roldão assim o prometeu mas passados dias esqueceu-se da promessa e, à hora em que estava o Imperador jantando à mesa, entrou pela porta dentro e deitou a mão a um jarro de ouro por onde só ele bebia.

O Imperador deu um grito de indignação, e o pequeno, voltando-se para trás, disse:

— O Imperador nunca me fará susto a mim!

D. ANA DE CASTRO OSÓRIO

E saiu, com a mesma soberba, agitando o cajado que seu Pai lhe dera, como se fosse uma invencível espada.

Os fidalgos da Corte ficaram boquiabertos, e os guardas iam para lhe deitar a mão, mas o Imperador susteve-os, tanto o atrevimento da criança lhe parecia extraordinário. Perguntou quem era o selvagem, sabendo então que essa criança extraordinária se intitulava, e era conhecida, por *Matador de Bichos*. Ouvindo as proezas que fazia com os mais rapazes da cidade, ficou interessado por ele, e mandou-o seguir por dois dos seus mais fiéis companheiros de armas.

Assim o pequeno Roldão foi seguido, sem o saber, até à casa abandonada, onde se abrigava com a Princesa sua mãe. Mas, quando ia a entrar, voltou-se e encarou com os Fidalgos. Deu um passo atrás e, levantando o cajado, começou a esgrimir de tal maneira que obrigou os Cavaleiros a recuar.

Por mais que lhe gritavam que se aquietasse, que não lhe queriam mal, não havia maneira de o sossegar, pois não queria de modo algum que entrassem em casa e encontrassem a mãe. Esta, receando pela vida do filho gritou de dentro:

— Senhores, poupem o meu filho, que ele também é vosso Príncipe!

— Quem quer que sejais, aparecei, pois não é nossa intenção fazer-vos mal, nem a esta criança, por nossa fé o juramos!

— Não posso (tornou a Princesa) porque há nove anos que vivo no deserto e não tenho vestidos com que vos apareça.

Então um dos Cavaleiros tirando a sua capa, deu-a ao valente *Matador de Bichos*, que sossegara ouvindo a mãe falar com tanta autoridade, e logo lha foi entregar.

HISTÓRIA DE ROLDÃO

A Princesa, assim coberta, apareceu então aos Cavaleiros e perguntou-lhes se não reconheciam a irmã do Imperador, que fugira com o Duque de Milão, quando ia ser condenada à morte por desobediência ao Soberano.

— Ah, Senhora, quem poderia reconhecer em tal estado a mais gentil dama da Corte Imperial!? Vosso filho, sim, esse o deveríamos ter logo conhecido pela valentia, decisão e orgulho, como vindo de tão nobre sangue.

— Mas não o digais ao Imperador, que ele não lhe perdoará a desobediência dos Pais.

— Ao contrário, vamos contar-lhe já a verdade, e esperamos que em breve este pequenino selvagem será o Cavaleiro mais galante e amado de quantos abrilhantam a Corte do nosso amo e senhor.

— E eu os acompanho! (disse Roldão). Quero ver o que me diz esse terrível tio, que nada me assusta a mim!...

Partiram os fidalgos com o pequeno. E tudo relataram ao grande Imperador, que de boa vontade perdoou à irmã e acolheu o sobrinho com afecto, pois muito desgosto tivera com o desaparecimento da irmã e do grande Cavaleiro que era o Duque de Milão.

Foram logo damas para acompanharem a Princesa; aias para a vestirem e toucarem; carros em que a transportaram com grande honra à Cidade, onde entrou acompanhada por seu filho, o pequeno herói, no meio da alegria de toda a população.

Apesar de tantas festas e regozijos, a pobre Princesa chorava sempre a morte do desditoso Duque, seu esposo, só tendo alegria quando lhe chegavam aos ouvidos as façanhas do pequeno

D. ANA DE CASTRO OSÓRIO

Roldão, que foi o mais valente Cavaleiro do seu tempo, um tempo em que havia homens de tão grande valor e provada valentia.

Muitas histórias existem deste Príncipe e dos seus valorosos companheiros. De muitas façanhas e gentilezas falam as Crónicas e Canções. Mas nenhuma foi maior do que esta de, ainda criança, ter lutado com a desventura, e revelado a nobreza do seu sangue e a grandeza do seu ânimo, vencendo sozinho a desgraça.



P.
2827

SOCIEDADE DE EXPANSÃO CULTURAL

